

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS**

ANDERSON DE FARIAS PADILHA

**ANÁLISE DE COMENTÁRIOS ON-LINE NO FACEBOOK: A CIBERVI-
OLÊNCIA E A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA DO JORNALISTA**

**São Leopoldo
2021**

ANDERSON DE FARIAS PADILHA

**ANÁLISE DE COMENTÁRIOS ON-LINE NO FACEBOOK: A CIBERVI-
OLÊNCIA E A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA DO JORNALISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em português, pelo Curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Prof(a). Dra. Maria Eduarda Giering

São Leopoldo
2021

À minha família, base necessária para que esse trabalho tivesse um início, um meio e um fim.

Aos professores que sempre me orientaram pelo caminho da ciência.

Aos colegas que conheci ao longo do curso e que fizeram dessa trajetória um lugar leve e imensamente mais divertido.

À minha orientadora que me acendeu uma vela todas as vezes que me vi no escuro.

“Os observáveis não são mais as matérias puramente linguísticas, mas matérias compósitas, mestiçadas com o não-linguageiro de natureza técnica” (PAVEAU, 2021, p.119).

RESUMO

O advento da internet, mais especificamente da web 2.0, trouxe mudanças significativas ao modo como o público leitor de notícias interage com os jornalistas. Se antes havia apenas a carta do leitor para que uma parcela muito restrita do público manifestasse sua concordância ou discordância em relação ao conteúdo da publicação, agora existem outras ferramentas muito mais rápidas, dinâmicas e democráticas, como é o caso do comentário on-line. Entretanto, essa ferramenta pode apresentar os mais variados tipos de comentários, desde os mais polidos aos mais agressivos, nos quais, às vezes, é possível observar a presença da ciberviolência. Por essa razão, este trabalho busca investigar possíveis representações da figura do jornalista em comentários on-line de uma notícia sobre agressões a jornalistas. Para tanto, foi necessário: a) identificar, na notícia, o fim discursivo e as características próprias do discurso digital nativo (PAVEAU, 2021); b) classificar os comentários on-line de acordo com a tipologia prevista pela análise do discurso digital, proposta por Paveau (2021); c) verificar se existem inscrições de ciberviolência nesses comentários, e caso presentes, classificá-las conforme tipologia da Análise do Discurso Digital; d) constatar se os internautas fazem uso do argumento *ad hominem* nos comentários discursivos que retomam a figura do jornalista (FIORIN, 2015). Para isso, analisou-se primeiramente o discurso da notícia selecionada e, em um segundo momento, buscou-se empregar análises quanti e qualitativa aos cinquenta primeiros comentários que se seguem ao post da chamada dessa notícia no Facebook do UOL. Diante disso, verificou-se que i) existe uma maior incidência do uso de comentários discursivos em detrimento dos metadiscursivos; ii) a figura do jornalista é ora retratada como um militante de esquerda que ataca a direita em busca de benefícios próprios, ora como alguém que ajudou a direita a retirar a esquerda do poder e por isso não devia reclamar ao ser agredido iii) o uso da ciberviolência e da argumentação *ad hominem* é bastante frequente nesses comentários. Deste modo, constata-se que a figura do jornalista não é benquista por parte dos usuários que se utilizam do tecnogênero comentário on-line no Facebook para expressar suas considerações acerca do discurso produzido pelos jornalistas.

Palavras-chaves: Discurso digital nativo. Comentário on-line. Ciberviolência. Representação do jornalista.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Moderação de palavras indesejadas.....	22
Figura 2 - Post da chamada da notícia.....	24
Figura 3 - Primeira parte da notícia.....	27
Figura 4 - Segunda parte da notícia.....	29
Figura 5 - Terceira parte da notícia.....	30
Figura 6 - Quarta parte da notícia.....	31
Figura 7 - Tecno signs para comentários relacionais.....	33
Figura 8 - Nome dos tecno signs.....	33
Figura 9 - Comentários relacionais.....	34
Figura 10 - Tecno signs para a inserção de emojis, GIFs e figurinhas.....	35
Figura 11 - Comentar com um GIF.....	35
Figura 12 - Hashtag #jornalismo.....	36
Figura 13 - Comentário discursivo I.....	42
Figura 14 - Comentário metadiscursivo I.....	43
Figura 15 - Comentário discursivo II.....	44
Figura 16 - Comentário metadiscursivo II.....	45
Figura 17 - Comentário discursivo sobre jornalistas I.....	46
Figura 18 - Comentário discursivo sobre jornalistas II.....	46
Figura 19 - Comentário discursivo sobre jornalistas III.....	47
Figura 20 - Comentário metadiscursivo sobre jornalistas I.....	48
Figura 21 - Comentário metadiscursivo sobre jornalistas II.....	49
Figura 22 - Comentário metadiscursivo sobre jornalistas III.....	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 OS DISCURSOS DIGITAIS NATIVOS	10
2.2 O COMENTÁRIO ON-LINE: UM GÊNERO DIGITAL NATIVO	14
2.3 DO DISCURSO POLÊMICO À CIBERVIOLÊNCIA	16
2.3.1 CIBERVIOLÊNCIA: TIPOLOGIA	18
2.3.2 CIBERVIOLÊNCIA: PARÂMETROS	19
3 METODOLOGIA	24
4 ANÁLISES	26
4.1 ANÁLISE DA NOTÍCIA DA FOLHA DE S. PAULO VIA FACEBOOK DO UOL ...	26
4.2 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS NO POST DO FACEBOOK DO UOL.....	32
4.2.1 COMENTÁRIOS RELACIONAIS.....	32
4.2.2 COMENTÁRIOS CONVERSACIONAIS.....	34
4.3 A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA DO JORNALISTA E A CIBERVIOLÊNCIA NOS COMENTÁRIOS ON-LINE	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54
ANEXO: PRINT DA NOTÍCIA COMPLETA	56

1 INTRODUÇÃO

A profissão do jornalista está presente em praticamente todas as sociedades democráticas e desempenha um papel fundamental na manutenção das liberdades individuais. Para Kovach e Rosenstiel (2004, p.31), “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernarem”.

Atualmente, entretanto, a profissão do jornalista atravessa um momento de turbulência, sendo alvo de críticas constantes e, por vezes, de ataques violentos, tanto na internet quanto fora dela. De acordo com relatório da Federação Nacional dos jornalistas - FENAJ (2021)¹, a violência contra jornalistas cresceu 105,77% em 2020 se comparada a 2019. Considerando apenas os ataques virtuais, o crescimento foi ainda maior: cerca de 280%.

Há de se observar que, nas últimas década, com o surgimento da internet, mais especificamente da web 2.0, a relação entre jornalista e leitor sofreu mudanças bastante significativas. Se antes, no jornal impresso, este não tinha como se relacionar discursivamente com aquele, exceto pela carta do leitor, que necessitava da aprovação prévia do jornalista para só então ser publicada, agora o leitor pode interagir com o discurso jornalístico, podendo fazer isso a qualquer momento, com apenas alguns cliques na tela do celular, tablet ou computador.

Essas interações podem ocorrer por meio de comentários relacionais, isto é, a partir de uma reação (gostei, amei, grr, etc.), ou, ainda, através de comentários conversacionais, em que o leitor pode concordar ou contestar o conteúdo da notícia. Além disso, o internauta pode interagir também com os comentários de outros usuários, gerando um debate acerca de um tema ou, ainda, sugerir intervenções na forma do texto primeiro e no modo como os jornalistas produzem seus discursos.

Se por um lado a liberdade promovida pela web 2.0 privilegia a participação democrática dos internautas na elaboração de discursos, por outro, possibilita o surgimento daquilo que Marie-Anne Paveau (2021) chama de ciberviolência. Para a linguista, esse fenômeno se define como o rompimento de uma decência tecnodiscursiva pré-estabelecida. Entretanto, não se trata de uma decência universal, mas de um produto de negociações entre culturas, inseridas em diferentes espaços e épocas.

¹ Disponível em: <https://fenaj.org.br/violencia-contra-jornalistas-cresce-10577-em-2020-com-jair-bolsonaro-liderando-ataques/>.

Esse cenário misto despertou-nos o interesse nos discursos digitais que se referem a figura do jornalista. Deste modo, nosso problema de pesquisa se divide em três perguntas: a) Como os usuários reagem, relacional e conversacionalmente a notícias sobre agressões a jornalistas? b) É possível identificar uma representação discursiva da figura do jornalista em comentários discursivos e metadiscursivos? c) Essa representação caracteriza ciberviolência?

Deste modo, esta pesquisa tem como objetivo geral identificar possíveis representações discursivas da figura do jornalista nos comentários on-line, a partir do post de uma notícia sobre o aumento das agressões a jornalistas. A este, seguem-se outros objetivos mais específicos como: a) identificar, na notícia, o fim discursivo e as características próprias do discurso digital nativo; b) classificar os comentários on-line de acordo com a tipologia prevista pela Análise do Discurso Digital, doravante ADD; c) verificar se existem inscrições de ciberviolência e, caso presentes nos comentários on-line, classificá-las conforme tipologia prevista pela ADD; d) constatar se os internautas fazem uso do argumento *ad hominem* nos comentários discursivos que retomam a figura do jornalista.

Para isso, selecionamos notícias que circulam nas redes sociais e que tratam da figura do jornalista, mencionando ataques/agressões a esse profissional, e os respectivos comentários. Acreditamos que, sendo ele o tema do discurso primeiro, provavelmente seria também o assunto dos comentários que se seguem. Além disso, pensamos que seria mais produtivo analisar uma notícia publicada no Facebook de algum grande jornal brasileiro, uma vez que as notícias postadas nesta rede costumam ter mais comentários do que as mesmas notícias publicadas nos sites desses jornais, o que nos permitiu a coleta de uma maior variedade de discursos para análise.

À procura de um corpus, pesquisamos por “agressões a jornalistas” na barra de pesquisa do Facebook, que nos retornou cinco notícias relacionadas ao tema, sendo duas do UOL², duas do G1³ e uma de O Antagonista⁴. Dentre essas notícias, optamos por aquela que, numa primeira análise, demonstrou ter um maior número de comentários direcionados a figura do jornalista, além de uma maior incidência do uso da ciberviolência.

² Disponível em: <https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/5405247436156695> e <https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/5171675129513928>.

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/3933642480021141> e <https://www.facebook.com/g1/posts/4581699691882080>.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/oantagonista/posts/1624688231055412>.

Com base nesses critérios, escolhemos a notícia intitulada *Puxadas por Bolsonaro e apoiadores, agressões a jornalistas sobem 168% em 2020, aponta relatório*, escrita por Gêssica Brandino para o Jornal Folha de São Paulo, disponibilizada no Facebook do UOL em 31 de março de 2020 (ver na nota de rodapé nº2, primeiro link).

Na sequência, apresentamos a fundamentação teórica, na qual descrevemos, à luz dos conceitos de Paveau (2021), as características que diferem o discurso digital dos discursos pré-digitais. Ainda nesse capítulo, buscamos conceituar o tecnogênero comentário on-line, bem como tratamos de pontuar o que caracteriza a ciberviolência no ambiente digital.

Em seguida, procuramos detalhar a metodologia, mostrando como procedemos na escolha do corpus e como pretendemos proceder nas análises. Na sequência, adentramos nas análises quantitativas e qualitativas e apresentamos os resultados obtidos ao longo desse estudo.

Por último, tecemos nossas considerações finais, em que buscamos traçar uma reflexão sobre o caminho metodológico percorrido e sobre as decisões tomadas ao longo desse estudo. Para finalizar, diante das limitações desse trabalho, oferecemos, ainda, sugestões para pesquisas futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nosso referencial teórico divide-se em três seções. Na primeira, buscamos conceituar o discurso digital, apontando as principais características que o fazem diferir dos discursos pré-digitais, isto é, daqueles que são produzidos fora da internet e posteriormente transportados para a rede. Na sequência, apresentamos as principais características do tecnôgenero comentário on-line, bem como a sua tipologia. Na terceira seção, discorremos sobre os limites entre o discurso polêmico e o conceito de ciberviolência. Esta seção, por sua vez, divide-se em outras duas subseções. A primeira trata dos tipos de ciberviolência, enquanto que a segunda apresenta os parâmetros necessários para que esse fenômeno ocorra e se estabeleça no ambiente digital.

2.1 OS DISCURSOS DIGITAIS NATIVOS

A presente pesquisa ancora-se na análise do discurso digital nativo proposta por Marie-Anne Paveau (2021), cujas contribuições teóricas possibilitam descrever e analisar as produções languageiras nativas da internet a partir da web 2.0. Entende-se, aqui, por nativas aquelas produções que são elaboradas on-line, e não aquelas pré-digitais, produzidas off-line e posteriormente transportadas para a rede (PAVEAU, 2021).

Segundo Paveau (2021, p. 60), os discursos digitais nativos possuem “características específicas [que] implicam a criação de instrumentos de análise adequados ou a adaptação de instrumentos já existentes na análise de discurso”. Por essa razão, ao delimitarmos o tecnôgenero comentário on-line como corpus desta pesquisa, torna-se necessário partir de uma abordagem que considere as características do discurso digital nativo, que, segundo Paveau,

[...] possuem características linguísticas, nomeadamente morfográficas, lexicais, discursivas e semióticas em geral, das quais o *corpus* teórico da análise de discurso em contexto pré-digital, baseado em uma concepção tradicional das ciências da linguagem, não é capaz de considerar: não está, por exemplo, equipada para dar conta do funcionamento de uma *hashtag*, para categorizar uma URL, para descrever formas digitais do discurso relatado (tecnodiscurso relatado) ou mesmo para analisar as formas de classificação automática dos enunciados on-line (através dos buscadores, por exemplo) (2021, p.57).

Trata-se, portanto, de uma abordagem pós-dualista, que põe em xeque a noção de linguístico (aquilo que está dentro) e extralinguístico (aquilo que está fora, mas que

interfere no que está dentro) (PAVEAU, 2021). Paveau propõe, no lugar desta, uma linguística simétrica que “confere um lugar equivalente ao languageiro e ao não-languageiro na análise linguística, partindo de uma concepção compósita da língua e do discurso” (2021, p.58). Deste modo, o que antes seriam tratados como componentes extralinguísticos, restringindo a análise do discurso a uma abordagem puramente logocêntrica, passam a ser vistos como partes integrantes do discursos, alterando sua produção, circulação e até mesmo a forma como é interpretado (PAVEAU, 2021).

Para Paveau (2021), o discurso digital está dividido em três ordens. Falaremos brevemente das duas primeiras, apenas para fins de distinção, e nos alongaremos na terceira, que é o objeto desta pesquisa.

A primeira ordem diz respeito ao digitalizado, que Paveau (2015) define como produto da transferência de um documento impresso e escaneado para o ambiente digital. Esse tipo de texto não possui traços tecnolinguísticos, ou, em outras palavras, não comporta segmentos, palavras ou frases clicáveis capazes de transportar o usuário leitor para outros tecnodiscursos. Além disso, não possui tecnossignos como os botões de compartilhamento, por exemplo, tampouco permite que outros usuários da internet ampliem o discurso a partir de comentários. Trata-se, portanto, de um gênero do discurso que não se encontra integrado no ecossistema da web 2.0 (PAVEAU, 2015).

A segunda ordem diz respeito ao digital, gêneros produzidos em computadores, tablets ou similares e colocados opcionalmente na rede. É o caso dos e-books, diários on-line, dentre outros. Esses textos podem comportar hiperlinks, tecnopalavras, mas não possuem tecnossignos (PAVEAU, 2015).

Por último, e mais importante para nossa pesquisa, o gênero digital nativo. Para Paveau (2015), este é produzido on-line, seja em um site, um blog, uma rede social, ou em qualquer espaço digital que possibilite a produção de discurso. “O tecnogênero de discurso é, portanto, marcado por ou derivado da dimensão tecnológica do discurso, o que implica um funcionamento e propriedades particulares” (PAVEAU, 2021, p.328). São algumas delas: a composição, a deslinearização, a ampliação, a relacionalidade, a investigabilidade, e a imprevisibilidade (PAVEAU, 2021). Falaremos, brevemente, sobre esses traços.

Ao definir o discurso digital, Paveau explica que

Um elemento de discurso é compósito quando se constitui por uma mistura entre o linguístico e o técnico [...] o termo compósito designa a copresença do languageiro e do técnico nos discursos nativos da internet. Os observáveis

não são mais as matérias puramente linguísticas, mas matérias compósitas, mestiçadas com o não-linguageiro de natureza técnica. (2021, p. 119).

Nessa linha, Paveau diz que os gêneros do discurso digital, também chamados de tecnogêneros, “podem ser plurissemióticos e mobilizar simultaneamente, e na mesma semiose, texto, imagens, fixas ou animada, som (por exemplo, a imagem macro ou o cartaz)” (PAVEAU, 2021, p.58). Isso fica evidente quando acessamos o Facebook, o Instagram, o Twitter, um blog, um site jornalístico, etc. e nos deparamos com uma infinidade de gêneros multimodais.

Para Paveau,

Os nomes das contas nas redes sociais, os identificadores ou pseudônimos no Twitter também são elementos compósitos, como todos os segmentos clicáveis que associam sentido e técnica: as palavras-consignas que permitem realizar operações on-line (*amar, compartilhar, não ver mais* no Facebook, *copiar o link do tweet, integrar o tweet* no Twitter, *pinar* no Pinterest, *ouvir* no Deezer etc.) e os botões de curtir ou compartilhar, tecnosignos que permitem operações tecno-enunciativas às vezes complexas (PAVEAU, 2021, p.120-121, grifo da autora).

Outro exemplo interessante é a hashtag, que é “um segmento ao mesmo tempo languageiro (siglas, palavras, expressões ou frases inteiras) e técnico, devido a sua natureza clicável (assegurada pelo símbolo cerquilha #)” (PAVEAU, 2021, p.120). Classificada como uma tecnopalavra, ela redocumenta os enunciados, permitindo, desta forma, sua investigabilidade. Acrescenta-se ainda, segundo Paveau (2021), o link e o hiperlink, segmentos clicáveis que levam o internauta a outra página, ampliando o discurso primeiro, e que aparecem constantemente em comentários on-line, gênero o qual pretendemos analisar.

São essas características compósitas que permitem a deslinearização dos enunciados. Ao oferecer ao usuário-leitor uma possibilidade de clicar num hiperlink ou numa tecnopalavra, por exemplo, o texto permite direcioná-lo “de um fio do discurso-fonte a um fio do discurso-alvo, instaurando uma relação entre dois discursos” (PAVEAU, 2021, p.145). Tal relação deriva da decisão do internauta-leitor de ativar esses elementos clicáveis por meio do que Bouchardon (2011, apud Paveau, 2021, p.145) chama de “enunciado de gesto”. Deste modo, a deslinearização exerce função crucial na produção e na interpretação dos enunciados, tornando-se, deste modo, fundamental para a análise dos discursos.

Outra característica importante dos tecnodiscursos é a ampliação. Ao comentar em um blog, por exemplo, o internauta-leitor não só adiciona um enunciado como também prolonga o texto primeiro (PAVEAU, 2021). No entanto, esse não é o único

tipo de ampliação escritural que, para Paveau, pode ocorrer de duas maneiras:

[...] a configuração das ferramentas de escrita da web social permite, de um lado, prolongar os escritos por adições (os comentários, especialmente) e por circulações facilitadas (compartilhamentos e reblogagem); de outro lado, ela permite, pela primeira vez na história da escrita, que vários escritores produzam um texto simultaneamente no mesmo espaço sem que suas enunciações sejam confundidas (como no sistema do pad) (PAVEAU, 2021, p. 53).

Diante disso, cabe a pergunta, formulada por Paveau (2021, p.54): “em última instância, quem será o enunciador da publicação?” Nesse sentido, a própria teoria tradicional do dispositivo enunciativo, proposto por Benveniste, deve ser revisada à luz dos discursos digitais nativos da web 2.0 (PAVEAU, 2021).

Ocorre que não se trata mais de um enunciador, mas de enunciadores, no plural, que contribuem para a ampliação do texto inicial. Ainda em relação ao texto do blog, Paveau diz que “os comentários produzem um efeito retrospectivo sobre as unidades primeiras e modificam, assim, suas significações” (2021, p.54).

A junção de todos esses elementos confere, por sua vez, uma relacionalidade entre os discursos digitais nativos. Para Paveau, há uma

- relação com outros tecnodiscursos em decorrência da estrutura hipertextual da web;
- relação com os aparelhos em decorrência da natureza compósita dos tecnodiscursos, literalmente coproduzidos na máquina;
- relação com os escritores e os escreiteiros, que passa pela subjetividade da configuração das interfaces de escrita e de leitura, e que torna os tecnodiscursos ideodigitais, isto é, dependentes do ponto de vista único do internauta (PAVEAU, 2021, p.311).

Outro aspecto desses discursos, de acordo com a linguista, é que eles podem ser (re)acessados mesmo depois de semanas, meses ou anos, uma vez que estão inseridos no seio da web 2.0. Nesse sentido, os discursos são investigáveis, podendo ser resgatados por meio de ferramentas de busca e de redocumentação (PAVEAU, 2021). A analista do discurso diz ainda que

Essa investigabilidade acontece devido à situação dos metadados: enquanto os metadados dos discursos pré-digitais são exteriores a eles (nos paratextos, por exemplo), os metadados dos discursos digitais nativos lhes são interiores (inscritos no código) (2021, p.59).

E por último, mas não menos importante, temos o traço da imprevisibilidade. Por serem discursos produzidos e/ou moldados em parte pelos programas e algoritmos, eles se tornam imprevisíveis para os enunciadores humanos. Essa imprevisibilidade afeta tanto a forma do enunciado quanto o seu conteúdo (PAVEAU, 2021).

Posto isso, trataremos, na próxima seção, de conceituar o tecnogênero comentário on-line, apontando suas principais características.

2.2 O COMENTÁRIO ON-LINE: UM GÊNERO DIGITAL NATIVO

Basta uma rápida visita às redes sociais, blogs, sites de imprensa, sites de publicidade e afins para nos depararmos com uma infinidade de comentários on-line. Isto porque, para Paveau, ele “é uma das formas de tecnodiscursos mais frequentes na web” (2021, p.97).

De protagonista a vilão, o comentário, que já foi considerado um símbolo da web, principalmente nos blogs, é, hoje, bastante criticado por ser “considerado majoritariamente agressivo ou até insultante” (PAVEAU, 2021, p.97). Por essa razão, muitas plataformas, principalmente as de cunho jornalístico, vêm optando por restringi-lo, submetendo-o a um moderador, seja este algorítmico ou humano, ou até mesmo bloqueando o recurso de comentários on-line. Desta forma, estariam renunciando o que La Porte denomina como “[...] ideias fortes da web: a relação direta entre leitores e jornalistas; a possibilidade dada aos leitores de contradizer, retificar, informar; a construção da informação” (2015, apud PAVEAU, 2021, p.97).

No que lhe concerne, Paveau (2021) aponta que, para além dos estereótipos, o comentário é também uma das formas tecnodiscursivas mais ricas da internet, constituindo um objeto central para a análise do discurso digital.

Tendo se desenvolvido na Grécia antiga, aproximadamente no século VI a.C., o gênero comentário sofreu alterações tanto na técnica e suportes de escrita quanto nos gêneros e estilos de discurso (PAVEAU, 2021). A linguista ressalta que, ao ser convertido para o digital, a variedade de usos que são atribuídas ao gênero *comentário* só aumentaram. Ela acrescenta ainda que “ao ser elaborado de maneira nativa on-line, o comentário transforma-se em diferentes planos, mas assume igualmente formas inéditas (2021, p.98).

Ao definir o tecnogênero comentário, Paveau diz que

Em uma perspectiva que considera os enunciados on-line como compósitos tecnolinguageiros que cointegram totalmente a dimensão tecnológica e a dimensão linguageira, o comentário on-line pode ser definido como um tecnodiscurso segundo, produzido num espaço escritural específico e enunciativamente restrito, no seio de um ecossistema digital conectado. (PAVEAU, 2021, p.102).

Visto dessa forma, o comentário é uma produção que amplia o texto primeiro (postagem de blog, notícia on-line, post em redes sociais, etc.). No plano da enunciação editorial, o comentário ocupa um espaço integrado ao texto ao qual ele se refere, às vezes na mesma página, ainda que alguns sistemas exijam um clique específico para que o internauta consiga visualizá-los. Já no plano do fio discursivo, ele prolonga o texto primeiro, seja para concordar ou para contradizê-lo, provocando atualizações ou fazendo, às vezes, com que seu autor interfira (PAVEAU, 2021). Por esta razão, Paveau diz que “os comentários têm um impacto semântico no texto, ao orientarem sua leitura e, portanto, sua produção de sentido” (PAVEAU, 2021, p.105).

O comentário on-line também é dotado de traços de conversacionalidade, ainda que possua características que o diferenciem de uma conversa tradicional, como é o caso dos segmentos de abertura e de fechamento. Nas conversas por comentários on-line não há necessidade de fórmulas de saudação, por exemplo. Tampouco existe um fechamento. Os comentários permanecem abertos e suas características técnicas permitem que novos comentários possam ser inseridos sempre que um internauta desejar, assim, a conversa nunca estará definitivamente encerrada (PAVEAU, 2021). “É por isso que parece mais pertinente falar de conversacionalidade do que de conversação, mesmo que, no curso dos comentários, possam ocorrer momentos conversacionais.” (PAVEAU, 2021, p.105).

Ainda que o comentário on-line seja produzido em um quadro conversacionalizante, ele assume outras formas que não são todas conversacionais. É o caso da relacionalidade. Os comentários relacionais são aqueles em que o internauta se relaciona com o texto primeiro sem fazer uso de palavras (PAVEAU, 2021). Isso pode ocorrer de variadas formas, desde a postagem de um link, até o uso de enunciados de gesto que ocorrem por meio de segmentos clicáveis como é o caso do “reagir” no Facebook. Ao clicar nesta tecnopalavra, o comentador se depara com um leque de opções de escolha que vão explicitar como ele se posiciona diante do texto, permitindo ao analista do discurso identificar se a recepção do texto primeiro foi positiva ou negativa entre os internautas.

No que diz respeito à tipologia dos comentários conversacionais, eles se dividem em três tipos: discursivos, metadiscursivos e troll (PAVEAU, 2021).

Comentário discursivo: é o mais frequentemente estudado em análise do discurso “porque produz formas discursivas, argumentativas e pragmáticas ordinárias, cujo funcionamento intrínseco não é diferente das formas off-line” (PAVEAU, 2021, p.

108 - 109). Ao predicar o texto primeiro ele amplia seu conteúdo, produzindo o acordo e o desacordo, o consenso e a polêmica, completando e prolongando o texto (PAVEAU, 2021).

Comentário metadiscursivo: este é o tipo de comentário que trata da forma do texto primeiro, e não do seu conteúdo. Laura Calabrese (2014, apud PAVEAU, 2021) destaca justamente que, nos sites de informação, um bom número de comentários trata das práticas jornalistas e não dos conteúdos informacionais dos artigos. É também o caso dos comentários que se referem à ortografia ou à linguagem utilizada no texto primeiro, sendo, muitas vezes, eles próprios alvos de outros comentários metadiscursivos produzidos por internautas que clicam em “responder”, dando seguimento ao processo de conversacionalidade.

Comentário troll: este comentário atravessa as duas primeiras categorias e tem o intuito de gerar confusão na conversa, a partir de intervenções inoportunas e até violentas. Para Paveau (2021, p.109) o “troll é uma figura de enunciador estruturante on-line e a prática da trolagem, uma das grandes modalidades de produção tecnodiscursiva na web 2.0.”

Isto posto, trabalharemos, na próxima seção, com a noção de ciberviolência, definindo-a e apontando seus tipos e parâmetros. Conceitos fundamentais para a análise proposta nesse trabalho.

2.3 DO DISCURSO POLÊMICO À CIBERVIOLÊNCIA

Se na antiguidade argumentava-se com o intuito de instaurar o consenso entre os debatedores e o seu público, atualmente a argumentação é fortemente marcada pela retórica do dissenso, ou, em outras palavras, pela manifestação da polêmica (AMOSSY, 2017). O discurso polêmico, portanto, tem por base o conflito e, conseqüentemente, causa um choque de opiniões entre dois ou mais indivíduos que buscam o confronto no campo das ideias. (AMOSSY, 2017).

Amossy (2017) esclarece ainda que não se deve confundir a polêmica com a violência verbal. Enquanto que a primeira se define como uma modalidade discursiva, pautada no conflito, a segunda pode ser vista como um registro discursivo de agressividade. Todavia, a linguista não nega que quanto mais acalorada se torna a discussão em torno de uma polêmica, mais chances existem dessa discussão descambar para o uso da violência verbal.

Os discursos polêmicos encontraram, no ambiente digital, terreno fértil e propício para o confronto necessário. Pelo fato de a polêmica ser constantemente confundida com a violência verbal, “as interações pelo computador são apontadas por alguns como lugar de livre curso de violência desenfreada e perigosa, enquanto outros reconhecem nelas um instrumento de participação cidadã e de democratização” (AMOSSY, 2017, p. 173).

Amossy defende que até mesmo a violência verbal exerce uma importante função social. Para a linguista,

Como parte da legislação mais ou menos permissiva, que gera diferentes tipos de interação, ela [a violência verbal] auxilia a polêmica pública a exercer diferentes funções (como o protesto, por exemplo, ou a incitação à ação). Isso não deixa de suscitar a questão de seus eventuais transbordamentos e a dos limites externos que convêm lhe atribuir (AMOSSY, 2017, p.169)

Estabelecer esses limites é, por natureza, uma questão controversa, uma vez que, para Maingueneau, “a ‘violência’ verbal é [...] uma noção intuitiva que é muito difícil de traduzir em termos linguísticos” (2008, p.113, apud AMOSSY, 2017, p. 169). Ao falar da violência que ocorre no meio digital, Paveau (2021) segue uma linha parecida, ao situá-la como o rompimento de uma decência que

[...] está relacionada as épocas, aos espaços e às culturas e é objeto de negociações permanentes no seio de acontecimentos discursivos morais desencadeados por enunciados violentos, descritos geralmente sobre o termo ciberviolência.

O prefixo ciber-, relativo à internet, é sempre utilizado para inscrever a violência verbal on-line. O termo ciberviolência, portanto, foi amplamente difundido, sendo utilizado, atualmente, por organizações internacionais, por governos, pela mídia e também por numerosos pesquisadores (PAVEAU, 2021).

Além disso, o acréscimo desse prefixo situa a violência num ambiente digital conectado, atribuindo a ela características que não são puramente verbais, mas também técnicas. A ciberviolência pode ir desde a inserção de palavrão como ofensa (considerado socialmente indecente) à usurpação da identidade do outro, por meio do hackeamento, ou, ainda, o bloqueio do usuário em determinado espaço.

Paveau (2021) apresenta uma lista exaustiva das tipologias de ciberviolência cometidas na internet. Como nem todas são pertinentes a nossa análise, citaremos, na subseção a seguir, apenas duas que, em face a nossa metodologia, poderão ser observadas e identificadas, caso estejam presentes no corpus.

2.3.1 CIBERVIOLÊNCIA: TIPOLOGIA

O primeiro tipo de ciberviolência apontada por Paveau é o “*ciberassédio verbal ou flaming* (mensagens de ódio e insultos) que envolve endereçamentos diretos em segunda pessoa” (2021, p. 66, grifo da autora). Para Sarmiento (2006, p.54-55, apud SILVA e SILVA, 2021, p.142), o discurso de ódio se define como “manifestações de ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos, motivados por preconceitos ligados à etnia, religião, gênero, orientação sexual, dentre outros fatores”.

Outro tipo de ciberviolência apontada por Paveau é a “*difamação*, que vai da simples fofoca ao rumor maldoso” (PAVEAU, 2021, p. 67, grifo da autora). Ao contrário do *flaming* que ocorre em segunda pessoa, a difamação aparece sempre em terceira pessoa.

Tanto o *flaming* quanto a difamação se realizam por meio daquilo que Fiorin (2015, p. 170) denomina *argumento ad hominem*. Esse tipo de argumentação retórica se caracteriza pelo confronto ao homem, e não à ideia em debate.

Para Fiorin, a argumentação *ad hominem* pode apresentar três variantes: “a) o ataque pessoal direto; b) o ataque pessoal indireto; c) a apresentação de contradições entre posições do oponente ou entre suas palavras e suas ações” (2015, p.171).

Fiorin (2015) diz que o ataque pessoal direto é aquele que se dirige a um ou mais aspectos do argumentador. Acrescenta, ainda, que

O que se pretende é atingir a ética do oponente, considerando-o desonesto, não íntegro, não digno de confiança. O que se busca é mostrar que alguém incapaz ou insincero não pode sustentar posições corretas ou manifestar dúvidas justificadas. Quando se diz que o adversário é desequilibrado, visa-se a indicar que ele não tem capacidade de argumentar racionalmente e, por conseguinte, seu argumento não merece atenção (FIORIN, 2015, p.171).

O ataque pessoal indireto, por sua vez, põe sob suspeita a imparcialidade do argumentador. Nesse tipo de argumentação, o oponente apresenta uma suposta característica do argumentador que o coloca como tendencioso. Essa característica pode ser a sua filiação política, religiosa, etnia, time de futebol para o qual torce, alianças de qualquer natureza. Assim, o argumentador é visto como alguém enviesado, “que defende uma pauta oculta, que tem motivações pessoais para lutar em favor de uma dada posição, que pode estar motivado por preconceitos ou por uma visão parcial” (FIORIN, 2015, p.171).

O terceiro tipo de ataque diz respeito a apontar as contradições entre o ponto de vista atual do oponente e as posições que ele defendia no passado, como se a

mudança ao longo do tempo não fosse possível.

Fiorin diz ainda que

A dialética considera o argumento *ad hominem* uma falácia, dado que os atributos do argumentador não fazem suas proposições falsas ou incorretas. No entanto, ele é eficaz na discussão, quando não se tem provas consistentes para sustentar um argumento ou elas são muito fracas (2015, p.172).

Além dos tipos de ciberviolência aqui apresentados, há outros aspectos tecnodiscursivos que contribuem para que esse fenômeno ocorra: são os parâmetros tecnodiscursivos (PAVEAU, 2021). É deles que falaremos na próxima subseção.

2.3.2 CIBERVIOLÊNCIA: PARÂMETROS

Paveau (2021) diz que os discursos digitais seguem seis parâmetros que os diferenciam das trocas verbais produzidas em ambientes pré-digitais. Para a linguista, conhecer esses parâmetros é fundamental para a compreensão da ciberviolência, pois eles possibilitam (e até mesmo facilitam) a produção e a propagação desse fenômeno.

O primeiro parâmetro é o pseudonimato que, segundo Paveau (2021), causa um “efeito” de anonimato nos discursos produzidos on-line, uma vez que os internautas estariam “escondidos” atrás de um pseudônimo (PAVEAU, 2021; AMOSSY, 2017). Paveau (2021) justifica o uso do prefixo “pseudo” dizendo que o anonimato, na verdade, não existe na internet, uma vez que todas as ações dos internautas são assinadas, nem que seja por um endereço IP.

Para Amossy (2017), o uso de pseudônimos é particularmente uma regra nos discursos digitais. Paveau acrescenta a essa noção quando diz que o pseudonimato possibilita ao internauta criar e gerir novas identidades on-line, desde as “mais criativas e luminosas às mais sombrias” (2021, p.69).

Segundo Paveau,

No que diz respeito à violência verbal, ele [pseudonimato] desempenha um papel não negligenciável de intensificador: como o alvo não pode identificar a fonte, esta torna-se uma fonte enunciativa onipotente (podendo produzir discursos sempre e em toda parte de maneira imprevisível). O esquema enunciativo clássico não funciona neste tipo de comunicação, que não apresenta simetria entre locutor e interlocutor, mas, ao contrário, uma profunda assimetria. A vítima não pode, então, acionar os dispositivos discursivos de defesa que seriam dirigidos contra seu agressor, indetectável e desconhecido (2021, p.69).

Amossy (2017), ao tratar do mesmo fenômeno, refere-se analogicamente a um jogo de máscaras em que ocorre uma “despersonalização” do locutor, e consequentemente, uma “desresponsabilização” sobre os atos enunciativos por ele produzidos. Ela explica que, em uma discussão face a face, fora dos domínios da web, o locutor estaria sujeito a prejuízos à sua reputação, a rupturas de laços sociais, a danos a seus interesses privados ou mesmo a sanções judiciais (que pouco ocorrem na internet).

O pseudonimato está intimamente ligado ao segundo parâmetro que Paveau (2021) chama de efeito de ausência. Isto ocorre porque a comunicação on-line não implica a presença da pessoa física na troca verbal. Deste modo, o efeito de ausência determina “o tipo de resposta ao ataque verbal, e, conseguinte, o desenvolvimento das interações verbais” (PAVEAU, 2021, p.69-70).

Inversamente ao efeito de ausência, o efeito *cockpit* está ligado ao ponto de vista do locutor, neste caso, *hater*/assediador, ou seja, a forma como ele enxerga seu interlocutor/vítima (PAVEAU, 2021). Para a linguista,

A vítima, sem presença física e conhecimento concreto, tem um aspecto virtual que estimula, sem dúvida, um relaxamento da censura verbal. Não havendo contato físico, visual ou interacional com seu alvo, como um aviador que lança uma bomba ou um piloto que manipula um drone, o locutor produz um discurso, por sua vez, direcionado e não direcionado, endereçado a um interlocutor, ao mesmo tempo presente e ausente, e que não suscita, assim, empatia. Ademais, ele não percebe seu ato de linguagem como perigoso a si mesmo, protegidos pelas paredes de um cockpit imaginário (PAVEAU, 2021, p.70).

Esses parâmetros implicam um quarto parâmetro: o deslocamento da relação de poder. Deste modo, o poder discursivo está nas mãos daqueles que detêm as competências digitais necessárias para produzir discursos na internet. Para Blaya,

On-line, o detentor do poder discursivo é aquele que detém o saber-fazer tecnológico, informático e digital, as práticas de publicação, de difusão, de indexação e de compartilhamento. Recuperando a força do pseudonimato, do efeito de ausência e do efeito cockpit, o locutor digital desloca a relação de poder tradicional dominando os efeitos tecnopragmáticos dos discursos digitais (2013, apud PAVEAU, 2021, p.71).

Outro parâmetro tecnodiscursivo importante para a compreensão da ciberviolência é a inseparabilidade entre humanos e máquinas. Estamos constantemente com nossos aparelhos (telefones, computadores, tablets, etc.) e permanecemos conectados por razões práticas, sejam elas sociais, familiares ou profissionais, e que, no fundo, trata-se também, podemos assim dizer, de obrigações. Em suma, essa inseparabilidade é condição necessária para que ocorram interações discursivas, e particularmente interações discursivas de ciberviolência (PAVEAU, 2021).

E, por último, a viralidade. Paveau divide-a em “dois subparâmetros: a quantidade de emissores e receptores e a rapidez da propagação” (2021, p.72). Um comentário on-line, por exemplo, pode ser compartilhado com uma quantidade significativa de receptores, que, por sua vez, poderão compartilhá-lo com muitas outras pessoas. Para Paveau,

Da parte da emissão, o número de internautas presentes ao mesmo tempo em uma rede pode atingir um estado de “tempestade virtual” on-line, os ataques sendo nutridos pela multiplicidade de participantes. A própria natureza da produção tecnodiscursiva é afetada por isso e se torna difícil tratar os enunciados de maneira logocentrada, descrevendo-os sob o ângulo do interdiscurso, sem considerar sua viralidade, que tem consequências pragmáticas importantes (2021, p.72).

Além disso, os discursos digitais nativos possuem uma série de respostas tecnodiscursivas à ciberviolência. Paveau as nomeia da seguinte forma

- *Flame wars, shitstorm et tweetclashes*;
- Silêncio, bloqueio, ocultação, banimento;
- Moderação;
- Denúncia, *outing*, publicação;
- Ressignificação e desarmamento;
- Reversão axiológica automática;
- Etiquetas e logotipos.

Como a nossa pesquisa não visa analisar as respostas dos comentários, mas, sim, os comentários primeiros que aparecem na notícia retirada do Facebook do UOL, vamos falar, aqui, apenas da moderação, conceito bastante pertinente ao nosso trabalho. Essa prática pode ser considerada uma espécie de metadiscursividade, uma vez que o moderador é quem decide o que pode e o que não pode aparecer num comentário, regulando assim o que ele entende por quebra de decência (PAVEAU, 2021). Sobre essa questão, Paveau pondera que

A moderação dos comentários constitui uma metadiscursividade na medida em que os enunciados primeiros, os comentários postados pelos internautas, são objetos de três operações: leitura, avaliação e decisão de validar ou excluir. Após essas operações, quando os comentários são finalmente postados, eles adquirem então um status de enunciados segundos ou mediados. A moderação dos conteúdos é, portanto, uma atividade, ao mesmo tempo, tecnológica, discursiva e cognitiva (2021, p.77).

O Facebook, plataforma que hospeda nosso corpus de pesquisa, oferece algumas possibilidades de moderação aos seus usuários, como o bloqueio de palavras

indesejadas (Figura 1), por exemplo. Para fazer uso desse recurso, o internauta precisa acessar o tecnossegimento “Moderação de Página” que, por sua vez, pode ser encontrado em “Configurações”. Em seguida, ele deve escrever, em um campo específico, as palavras que ele não gostaria de ver publicadas nos comentários em sua página. O Facebook exibe um aviso de que esse filtro compreende não só a palavra escolhida como também algumas de suas variações, e dá ainda a opção de clicar no tecnossegimento “Saiba mais” para ter acesso às informações adicionais. Ao optar pelo clique, o usuário é redirecionado para outra página com orientações mais detalhadas sobre o funcionamento desse tipo de moderação: “se você bloquear a palavra “árvore”, bloquearemos automaticamente as variações dela, como “ÁRVORE”, “á.r.v.o.r.e”, “árvor3”, “arvore” e #árvore”. Isso significa que você não precisa incluir essas variações na lista de palavras-chave”⁵.

Figura 1 - Moderação de palavras indesejadas

Moderação da Página

Escolha uma lista de palavras, frases ou emojis que você deseja ocultar da sua página.

As variações de palavras-chave que usam números, símbolos ou ortografia diferentes são ocultadas automaticamente. Saiba mais

Os comentários ocultos com essas palavras permanecem visíveis para as pessoas que os escreveram e seus amigos. Para todas as outras pessoas, eles não são mais visíveis.

Adicione uma palavra, frase ou emoji

Fonte: Central de Ajuda do Facebook.

Ainda na página aberta pelo tecnossegimento “Saiba mais”, o Facebook oferece outro filtro de moderação que pode ser acessado pelo hiperlink “ativar e desativar o filtro de linguagem ofensiva na sua Página”. De acordo com a plataforma, são consideradas como mais ofensivas as palavras e frases que obtiveram mais denúncias da própria comunidade de usuários.

Em ambos os casos, o Facebook esclarece ainda que os comentários ocultos continuarão visíveis para os seus autores e para os amigos deles. Em compensação, esses comentários não serão exibidos para os demais usuários da rede.

⁵ [Como faço para bloquear determinadas palavras nos comentários da minha Página do Facebook? | Central de Ajuda do Facebook.](#)

A moderação automática, no entanto, não é a única forma de filtrar comentários indesejados. Muitos sites, segundo Paveau (2021), utilizam-se de moderadores manuais. Esta modalidade de moderação, por sua vez, pode ser *a priori* ou *a posteriori*. A primeira ocorre antes da publicação, quando os moderadores conferem a conformidade dos enunciados com os critérios do site. Para Paveau (2021, p. 78), “O trabalho realizado decorre então, da ética do discurso e os moderadores se tornam os segundos produtores dos discursos de comentários.” Já a segunda ocorre após a publicação do comentário e é sempre uma troca, e, portanto, interacional.

Paveau diz ainda que “Enquanto a moderação *a priori* aparece, frequentemente, como redutora da liberdade de expressão, até como uma forma de censura, a moderação *a posteriori* é considerada como garantia de mais democracia” (2021, p.78-79). Para Paveau

[...] a moderação é uma espécie de análise ética e jurídica do discurso que constitui um verdadeiro trabalho de leitura e interpretação, envolvendo as competências e os saberes, mas também os valores e as emoções dos moderadores. Estes não são, na verdade, meros leitores tomando decisões em plena consciência, mas devem realizar um trabalho de monitoramento e de documentação, eventualmente fundamentado, para elaborar um metadiscorso sobre os comentários (2021, p.80-81).

Por todas essas razões, ressaltamos, não cabe, aqui, transportar as noções de análises pré-digitais para o universo digital conectado, tampouco submeter nosso corpus a uma abordagem puramente logocêntrica; ao contrário, acreditamos, como bem nos mostra Paveau, que, no que concerne à ciberviolência, “A perspectiva da análise do discurso digital implica identificar o que é específico da transgressão dos valores de decência nos ecossistemas conectados” (2021, p.61).

Posto isso, trataremos, no próximo capítulo, de formular nossa metodologia. Começaremos descrevendo nosso corpus de pesquisa, à luz dos conceitos propostos por Paveau, e encerraremos com a descrição dos procedimentos de análise.

3 METODOLOGIA

A análise do discurso digital ecológica proposta por Paveau (2021) nos coloca diante de um dilema: se por um lado, o ideal seria trabalhar com o navegador aberto, de modo que pudéssemos explorar os discursos em seu ambiente nativo, por outro, as próprias características do digital, como a instabilidade e a quantidade, por exemplo, inviabilizariam esse método. Foi por essa razão que optamos pela captura de tela, para não perder de vista as características que diferem o discurso digital nativo dos discursos pré-digitais.

Para definir nosso corpus de estudo pesquisamos por “agressões a jornalistas” na barra de pesquisa do Facebook. Tivemos um resultado de cinco posts de notícias relacionadas ao tema, sendo dois do UOL⁶, dois do G1⁷ e um de O Antagonista⁸. Optamos, dentre as cinco notícias, por aquela cujo post, após uma primeira análise, apresentou um maior número de comentários direcionados à figura do jornalista, além de uma maior incidência do uso de ciberviolência nesses comentários.

Figura 2 - Post da chamada da notícia



Fonte: Facebook do UOL.

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/5405247436156695> e <https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/5171675129513928>.

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/3933642480021141> e <https://www.facebook.com/g1/posts/4581699691882080>.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/oantagonista/posts/1624688231055412>.

Com base nesses critérios, escolhemos o post da notícia intitulada *Puxadas por Bolsonaro e apoiadores, agressões a jornalistas sobem 168% em 2020, aponta relatório*, (Figura 1) escrita por Gêssica Brandino para o Jornal Folha de São Paulo e disponibilizada no Facebook do UOL em 31 de março de 2021⁹. Para acessar a notícia pelo Facebook do UOL, é necessário clicar no título que aparece, ainda que incompleto, como uma tecnopalavra, ou, em outras palavras, como um segmento clicável que leva o internauta de um ambiente a outro. Assim, basta um clique para que o internauta seja transportado da página no Facebook do UOL para a página do Jornal Folha de São Paulo, onde se encontra a notícia que pretendemos analisar.

Em seguida, selecionamos os cinquenta primeiros comentários dentre os 299 classificados pelo Facebook como mais relevantes, e que aparecem logo abaixo do post. Esta classificação, por sua vez, é feita de forma automatizada pela própria plataforma que, para isso, leva em consideração alguns aspectos como a quantidade de reações e de respostas a esses comentários. Além disso, classificam-se também como mais relevantes os comentários de amigos do usuário, o que torna essa classificação diferente para cada internauta com acesso a postagem.

Consideraremos, para análise, apenas os comentários primeiros, ignorando assim, as respostas direcionadas a esses comentários. Essa escolha se explica pelo limite de tempo de que dispomos para o estudo. Além disso, a metodologia adotada se adequa melhor aos nossos objetivos, já que os comentários primeiros trazem uma maior variedade de internautas comentaristas, enquanto que os segundos tendem a ter vários comentários dos mesmos comentaristas.

Isto posto, no próximo capítulo apresentaremos as análises e seus resultados.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/5405247436156695>.

4 ANÁLISES

Nossa análise terá quatro momentos. Primeiro, faremos uma breve análise da notícia, buscando identificar seu fim discursivo e as estratégias utilizadas para convencer o seu público leitor. Em seguida, faremos uma breve análise dos comentários relacionais que aparecem abaixo do post da notícia. Na sequência, classificaremos os cinquenta comentários dos leitores usuários, conforme a tipologia proposta por Paiveau (2021). Por último, selecionaremos seis comentários, três discursivos e três metadiscursivos, nos quais buscaremos identificar uma representação discursiva da figura do jornalista, identificando se há ou não a presença de ciberviolência nesses comentários e como ela se manifesta.

4.1 ANÁLISE DA NOTÍCIA DA FOLHA DE S. PAULO VIA FACEBOOK DO UOL

Para ter acesso à notícia, é preciso clicar no tecnossegmento *“Puxadas por Bolsonaro e apoiadores, agressões a jornalistas crescem 168% em 2020”*, que aparece na parte inferior do post da notícia no Facebook do UOL (Figura 2). Ao clicar nessa tecnopalavra o internauta é redirecionado para a página da notícia completa no site do jornal Folha de S. Paulo (ver notícia completa no anexo 1).

Para facilitar nossa análise e também a leitura deste estudo, dividimos a notícia em quatro partes, organizadas em quatro figuras. Na primeira, analisamos o título, o subtítulo e o lide, além de apresentarmos uma breve biografia da jornalista que assina o texto. Nas demais figuras, adentramos no corpo da notícia, buscando analisar os argumentos desenvolvidos pela autora para justificar seu fim discursivo (Para acessar o print completo da notícia, visualizar Anexo 1).

A notícia *“Puxadas por Bolsonaro e apoiadores, agressões a jornalistas crescem 168% em 2020, aponta relatório”* (Figura 3) é assinada por Gêssica Brandino, cuja biografia na página do Jornal Folha de S. Paulo a define como uma “Jornalista com especialização em jornalismo internacional, [que] é repórter na editoria de Poder e [que] edita as newsletters do projeto FolhaJus”¹⁰. Em uma busca pelo perfil profissional da jornalista na plataforma LinkedIn, verificamos que ela atuou como repórter

¹⁰ FolhaJus é um serviço oferecido pela Folha de São Paulo, cujo público alvo são advogados. A FolhaJus oferece as notícias do cenário jurídico e duas newsletters, uma diária, gratuita com as notícias do dia, e outra semanal para assinantes, com análises, entrevistas, perfis e o resumo do mais importante.

desse mesmo jornal na cobertura das eleições de 2018, bem como na greve dos caminhoneiros e no julgamento e prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Além disso, foi responsável por diversos trabalhos investigativos envolvendo a Operação Lava Jato e a delação da Odebrech.¹¹ Trata-se, portanto, de uma jornalista com longo histórico no campo do jornalismo político.

O fim discursivo dessa notícia se dá em dois planos. No primeiro, trata-se de fazer-saber do aumento das agressões a jornalistas e que essas agressões são incentivadas e até mesmo praticadas pelo presidente da república Jair Messias Bolsonaro. No segundo plano, o texto parece-nos querer fazer-creer que Bolsonaro é uma ameaça à liberdade de imprensa e à democracia.

Figura 3 - Primeira parte da notícia

Puxadas por Bolsonaro e apoiadores, agressões a jornalistas crescem 168% em 2020, aponta relatório

Foram 150 casos registrados, envolvendo ao menos 189 profissionais e veículos de comunicação, além de um assassinato



Géssica Brandino

MOGI DAS CRUZES (SP) Ao longo de 2020, num contexto de pandemia de Covid-19, casos de agressões físicas, ofensas e intimidações a jornalistas aumentaram 168% em comparação a 2019. Foram 150 casos registrados, envolvendo pelo menos 189 profissionais e veículos de comunicação, além do assassinato de um profissional.

Fonte: Facebook do UOL¹².

Ao analisarmos a notícia, observamos que as duas primeiras palavras empregadas no título da notícia já dão uma pista do que vem a seguir. O substantivo “puxadas” seguido pela preposição “por” aponta para quem estaria “puxando” as agressões a jornalistas, que, neste caso, seria Bolsonaro e seus apoiadores. De acordo com o

¹¹ Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/g%C3%A9ssica-brandino-a9899245>.

¹² Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/puxadas-por-bolsonaro-e-apoiadores-agressoes-a-jornalistas-crescem-168-em-2020-aponta-relatorio.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral&fbclid=IwAR1qZsl6xnRi_AKCG9c4BuA21XgQYDQBZC6A-Tgwx4Rn1bama-P9gF10Qiw.

dicionário *Oxford Languages*¹³, o verbo puxar pode ser substituído por equivalentes como “instigar”, “incentivar” e “motivar”.

Já o subtítulo da notícia traz dados numéricos sobre as agressões a que o título se refere. O aumento de 168% nas agressões a jornalistas denunciado no título corresponde, portanto, a 150 casos registrados, envolvendo 189 profissionais e veículos de comunicação, além de um caso mais grave, envolvendo assassinato.

O lide da notícia repete as informações do subtítulo, situando as agressões em um contexto de pandemia vivido ao longo do ano de 2020. Além disso, especifica o que está sendo considerado como agressão: casos de agressões físicas, intimidações e ofensas. Nesse trecho do texto, podemos observar a presença de um hiperlink formado pelas palavras “jornalistas aumentaram” sublinhados em cor azul. Basta um clique nesse link para que o internauta seja redirecionado a outra notícia da Folha de S. Paulo, intitulada “*EUA citam ataques de Bolsonaro contra imprensa em relatório de direitos humanos*”. Desta forma, como vimos em Paveau (2021), o discurso é ampliado por outro/a discurso/notícia, e, ao mesmo tempo, é deslinearizado, uma vez que o leitor pode optar por deixar a notícia primeira momentaneamente de lado enquanto lê a notícia inserida pelo hiperlink.

À medida que o texto avança (Figura 4), Brandino explica que as ofensas foram a forma de agressão mais frequente. Ela apresenta mais dados numéricos que correspondem a 59 casos contra 68 jornalistas, o que resulta num aumento percentual ainda maior do que as citadas inicialmente: 637% em relação a 2019.

Logo em seguida, ainda visualizado na Figura 4, ela afirma que Jair Bolsonaro e seus apoiadores foram os “autores de mais da metade dessas ofensas”. O trecho aqui citado entre aspas aparece no corpo da notícia como um hiperlink. Ao clicar nele, o leitor é direcionado à outra notícia da Folha de S. Paulo intitulada “*Saiba como ofensiva de Bolsonaro contra a imprensa fere Constituição e democracia*”. Deste modo, o mesmo discurso que informa sobre as agressões, leva a outro discurso que explica os prováveis danos ocasionados por essas agressões.

O parágrafo seguinte trata de citar a fonte dos dados apresentados até então. Trata-se do relatório “*Violações à Liberdade de Expressão*”, divulgado todos os anos pela Abert (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão). Acrescenta-se ainda que, segundo a instituição, esses dados são apenas um indicativo, já que os

¹³ Disponível em: [puxar significado - Bing](#).

casos são subnotificados. Esta informação leva o leitor a saber que a realidade pode ser ainda pior do que os fatos noticiados.

Figura 4 - Segunda parte da notícia

As ofensas foram a forma de violência mais frequente, com 59 casos contra 68 jornalistas, um aumento de 637% em comparação a 2019.

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) e seus apoiadores foram [autores de mais da metade dessas ofensas](#), que tiveram profissionais de jornais e TV como principais alvos.

Os dados fazem parte do relatório “Violações à Liberdade de Expressão”, divulgado anualmente pela Abert (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão). A instituição destaca que os dados são um indicativo do quadro, visto que os casos são subnotificados.



O presidente Jair Bolsonaro fala com a imprensa ao sair do Palácio da Alvorada, em Brasília (DF)
- Pedro Ladeira - 05.mai.2020/Folhapress

Fonte: Facebook do UOL.

Em seguida, ainda no trecho da Figura 4, podemos observar que a notícia traz a mesma fotografia utilizada no post de chamada para a notícia publicada no Facebook do UOL. Nela vemos o presidente Jair Messias Bolsonaro segurando um exemplar impresso do Jornal Folha de S. Paulo, com o dedo em riste (como quem aponta) e a boca aberta (como quem grita), em uma expressão raivosa, não apenas reforçando sua imagem de político agressivo, mas também ilustrando e fortalecendo ainda mais o discurso apresentado pelo jornal e confirmado pelo relatório citado: “Bolsonaro e seus apoiadores sozinhos foram responsáveis por mais da metade das agressões”.

O parágrafo seguinte (Figura 5) fala das intimidações que o presidente desferiu contra a Folha de S. Paulo e seus jornalistas. O hiperlink “várias contra a Folha” leva o usuário-leitor a outra notícia do jornal, cujo título é “Em reunião, Bolsonaro chama Folha de ‘bosta’ e diz que demitirá quem for elogiado pelo jornal”.

Logo em seguida, a notícia traz um caso de ameaça contra um jornalista do

jornal *O Globo*. Na ocasião, Bolsonaro teria se zangado ao ser questionado sobre uma série de cheques, em nome de Fabrício Queiroz, que teriam sido depositados na conta da primeira-dama Michelle Bolsonaro. A frase que ele usou na ocasião foi “A minha vontade é eu encher a tua boca de porrada, tá, seu safado!”. O leitor que por ventura não esteja ciente do ocorrido, encontra a resposta através do hiperlink “no total de R\$ 89 mil” que o leva, a partir de um clique, para outra notícia cujo título é “E os R\$ 89 mil?”. Essa notícia faz saber sobre o ocorrido e questiona o motivo desses depósitos.

Figura 5 - Terceira parte da notícia

O presidente também aparece no documento como autor de intimidações —[várias contra a Folha](#) e seus profissionais— e de uma ameaça contra um repórter do jornal *O Globo* que o questionou sobre cheques de Fabrício Queiroz enviados à primeira-dama Michelle Bolsonaro, [no total de R\\$ 89 mil](#).

Na ocasião, o presidente afirmou: “Minha vontade é eu encher a tua boca de porrada, tá? Seu safado.”

A segunda forma de violência mais comum foram as agressões físicas, com 39 casos contra ao menos 59 vítimas, o que representa alta de 67% em relação ao ano anterior.

Pessoas comuns e agentes de segurança aparecem como principais autores. O perfil das vítimas indica que esse tipo de violência foi mais comum entre profissionais homens, que atuam em veículos de TV e sites.

Pela primeira vez, o levantamento registrou um caso de sequestro, contra o jornalista Romano dos Anjos, apresentador da TV Imperial, afiliada da TV Record, em Boa Vista (RR), onde acompanha casos de política e crimes.

Fonte: Facebook do UOL.

O terceiro parágrafo visualizado na figura 5 afirma que a segunda forma mais comum de violência contra jornalistas foram as agressões físicas, sendo menos frequentes, porém mais preocupantes. O aumento desse tipo de agressão corresponde a um aumento de 67% em relação ao período de 2019, o que equivale a 39 casos cometidos contra 59 vítimas.

Seguindo no texto, somos informados sobre os demais autores e vítimas das agressões. De acordo com a notícia, os principais agressores são pessoas comuns e agentes de segurança, enquanto que os profissionais homens, que atuam em veículos de TV e sites, configuram-se como alvos mais recorrentes.

À medida que a leitura avança, os exemplos de agressões vão se tornando

mais graves. Enquanto que o texto da Figura 5 se encerra com a citação de um caso de sequestro, o texto da Figura 6 inicia com o registro de um assassinato. Mais uma vez, podemos observar a presença de um hiperlink: “o do jornalista Léo Veras”. Ao clicar, somos levados à notícia “Três meses após morte de Léo Veras, investigação não aponta mandante”. O jornalista teria sido morto no Paraguai, por conta das denúncias que publicava e, dentre os dez suspeitos do crime, três são brasileiros. Essas denúncias teriam, supostamente, relação com o tráfico de drogas, e não há nada que ligue a morte do jornalista às ameaças feitas por Bolsonaro e seus apoiadores. Ainda assim, esses dados fazem parte do relatório da Abert e acendem um alerta contra um suposto sufocamento da liberdade de imprensa.

Figura 6 - Quarta parte da notícia

O assassinato registrado no documento é [o do jornalista Léo Veras](#), morto por pistoleiros em Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia na fronteira com Ponta Porã (MS).

Dono de um site de notícias policiais, Veras já havia sofrido ameaças por conta das denúncias que publicava. Dentre os dez suspeitos pelo crime, três são brasileiros.

O relatório traz ainda dados de um estudo encomendado à empresa de análise de dados Bites que mostra que, ao longo de 2020, a imprensa sofreu oito 7.945 ataques virtuais por dia, o equivalente a quase seis agressões por minuto.

No acumulado do ano, foram mais de 2,9 milhões de posts com termos pejorativos publicados nas redes sociais, o que representa uma queda de 9% em relação a 2019.

Segundo relatório da ONG Repórteres sem Fronteiras, o Brasil figura na posição 107 no ranking de liberdade de imprensa, feito com 180 países. Essa é a pior posição do país desde 2002, quando o estudo começou a ser feito.

Fonte: Facebook do UOL.

A notícia (Figura 6) apresenta ainda uma série de dados quantitativos, citados no relatório da Abert, que mostram um crescente nos casos de hostilidade aos jornalistas. Esses dados são, de acordo com a matéria, procedentes de um estudo encomendado a uma empresa de dados denominada Bites, e mostram que, em 2020, a imprensa sofreu 7.945 ataques virtuais diários.

No parágrafo que se segue, somos informados de um dos critérios utilizados pela empresa Bites para quantificar o que eles entendem por “ataques virtuais”: “No

acumulado do ano, foram mais de 2,9 milhões de posts com termos pejorativos publicados nas redes sociais, o que representa uma queda de 9% em relação a 2019.”

A notícia termina trazendo um dado preocupante: o Brasil, de acordo com relatório feito pela ONG Repórteres sem Fronteiras, figura na 107ª colocação, entre 180 países, no ranking de liberdade de imprensa. Além disso, esse seria o pior índice desde 2002. É nítido, portanto, que a notícia busca colocar o presidente da república e seus apoiadores como responsáveis por esse aumento nas agressões cometidas contra jornalista, e o faz de forma contundente, apresentando fontes relevantes que fortalecem esse argumento.

Quando fechamos a notícia que acabamos de analisar, na página da Folha de S. Paulo, e retornamos ao post no Facebook do UOL, deparamo-nos com uma variedade de comentários relacionais e conversacionais. Na próxima seção, buscaremos analisar esses comentários.

4.2 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS NO POST DO FACEBOOK DO UOL

De volta ao post do Facebook do UOL, encontramos uma grande variedade de interações de internautas comentaristas. Esses internautas interagem com o post da notícia, por meio de comentários relacionais e/ou conversacionais, sem que necessariamente tenham lido a notícia que acabamos de analisar. Para nós, pesquisadores, não é possível saber quem clicou e quem não clicou na tecnopalavra “*Puxadas por Bolsonaro e apoiadores, agressões a jornalistas sobem 168% em 2020*”. Esse clique é o que resultaria na ampliação do discurso captado pelo usuário. Essa incerteza quanto aos passos tomados pelo internauta, por sua vez, caracteriza-se como um traço de imprevisibilidade do discurso digital, apontada por Paveau (2021).

A seguir, dividimos a análise dessas interações em duas partes. Na primeira, analisamos os comentários relacionais, enquanto que, na segunda, buscamos analisar e classificar os comentários conversacionais, conforme tipologia dos discursos digitais já apresentada neste trabalho.

4.2.1 COMENTÁRIOS RELACIONAIS

A plataforma Facebook oferece aos seus usuários uma série de possibilidades de respostas tecnolinguageiras ao texto primeiro. Uma dessas possibilidades são os

comentários relacionais, acessados por meio do tecnossigno “curtir”, representado pela palavra em questão, acrescida da imagem de uma mão fechada em que apenas o dedo polegar aparece levantado. Ao passar a flecha do mouse sobre esse tecnossigno, uma janela contendo este e outros seis tecnossignos se abre para o internauta que deve escolher apenas um para deixar, através de um clique, a sua reação ao post (figura 7).

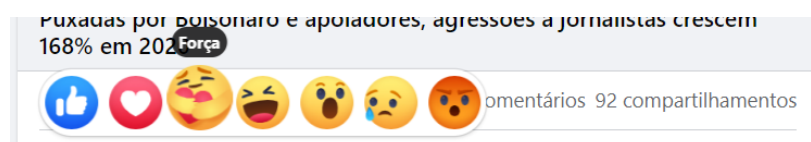
Figura 7 - Tecnossignos para comentários relacionais



Fonte: Facebook do UOL.

Ao posicionar a flecha do mouse sobre cada um dos sete tecnossignos, chamados pela plataforma de “reações”, uma pequena janela se abre, mostrando a palavra que dá nome a respectiva reação (figura 8). Os nomes e as imagens animadas se complementam e são autoexplicativas. Por meio desses tecnossignos, o leitor pode manifestar seu estado de espírito diante ao post, que pode ir desde a aprovação/satisfação máxima (Amei, representado pelo coração), até a reprovação/indignação extrema (Grr, representada pelo emoji irado). Contudo, essas reações são, em essência, ambíguas, já que não permitem ao pesquisador identificar se elas são destinadas ao objeto tema da notícia, ao fato de a terem publicado ou, ainda, pela forma como o tema foi abordado.

Figura 8 - Nome dos tecnossignos



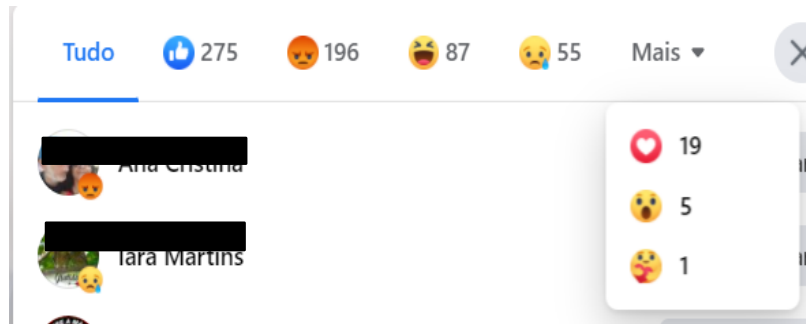
Fonte: Facebook do UOL.

Ao analisarmos o post da chamada da notícia no Facebook do UOL, observamos um total de 638 comentários relacionais. Foram observados pelo menos um comentário de cada tipo (Figura 9).

O comentário “curtir” foi o mais recorrente, totalizando 275 ocorrências. De

acordo com o Techtudo¹⁴, esse tipo de comentário não expressa forte mudança de humor e, em alguns casos, é utilizado pelo leitor-comentarista apenas para demonstrar que ele teve acesso à notícia. Segundo o site, este é ainda o tipo de reação mais preguiçosa, uma vez que basta um clique para inseri-la.

Figura 9 - Comentários relacionais



Fonte: Facebook do UOL.

Observamos também que a quantidade de reações “Grr” supera de longe a quantidade “Amei”, contabilizando 196 do primeiro tipo contra 19 do segundo. Além disso, 87 comentaristas deixaram um “haha”, demonstrando graça diante ao conteúdo noticiado. Essa reação supera os 55 que se demonstraram tristes por meio da reação “triste”. Além disso, 5 pessoas demonstraram espanto ao fazer uso do “Uau”, e apenas clicou na reação “força”, demonstrando simpatia aos jornalistas.

Isto posto, buscaremos analisar, na próxima seção, os comentários conversacionais.

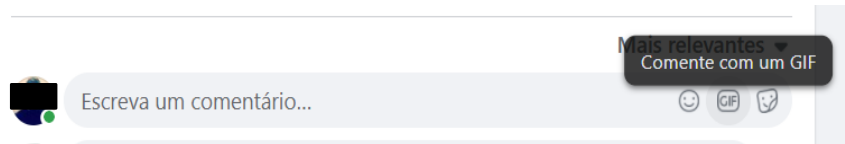
4.2.2 COMENTÁRIOS CONVERSACIONAIS

Entre as muitas possibilidades de interação permitidas pelo Facebook, estão os comentários conversacionais. Basta um clique no tecnossigno “comentar” para que uma caixa de texto se abra para o internauta. Nesse espaço, ele pode produzir discursos verbais, clicando no campo “Escreva um comentário”. A direita da caixa de texto, a plataforma Facebook oferece, ainda, opções para a inserção de elementos multimodais por meio de tecnossignos. Ao posicionar o mouse sobre cada um desses

¹⁴ [Grr, Uau, Haha... Entenda significados dos botões do Facebook Reactions | Dicas e Tutoriais | TechTudo.](#)

tecnossignos, abre-se uma pequena janela com as instruções “Insira um emoji”, “Comente com um GIF” ou “Comente com uma figurinha” (figura 10).

Figura 10 - Tecno signs para a inserção de emojis, GIFs e figurinhas



Fonte: Facebook do UOL.

Ao clicar em um desses tecno signs, como o “comente com um GIF”, por exemplo, abre-se um menu de opções correspondentes (Figura 11). Para escolher um GIF, o internauta tem a opção de rolar para baixo com o mouse, ou, então, digitar uma palavra-chave no campo “pesquisar”, no topo da janela. Depois é só inserir o elemento escolhido no comentário, através de um único clique. Essas características garantem ao comentário conversacional uma gama de possibilidades, podendo mesclar escrita e imagens, estáticas ou animadas, de acordo com a intencionalidade do comentarista.

Figura 11 - Comentar com um GIF



Fonte: Facebook do UOL.

Além disso, existem outros recursos tecnodiscursivos possíveis de aparecerem nos comentários conversacionais, como os hiperlinks e as hashtags. Ambos são elementos clicáveis, mas o primeiro leva a uma página específica, enquanto que o segundo leva a uma página que lista todos os discursos que utilizaram a hashtag em

questão. Ao clicar em “#jornalismo”, na descrição do post da chamada da notícia do UOL, por exemplo, somos direcionados para uma lista contendo 71 mil postagens que fizeram uso dessa hashtag (Figura 12). O leitor pode visualizar parcialmente todas elas, apenas rolando o mouse para baixo. Ele pode escolher qualquer um desses posts e visualizá-lo por completo, com apenas um clique.

Figura 12 - Hashtag #jornalismo



Fonte: Facebook do UOL.











Todas as características aqui citadas devem ser levadas em conta na hora de analisar os comentários produzidos no ambiente digital, pois elas não são meros adornos ao texto escrito; elas ajudam a compor o sentido dos discursos.

Isto posto, buscamos analisar e classificar, conforme tipologia proposta por Pa-veau (2021), os cinquenta primeiros comentários conversacionais que aparecem abaixo da chamada da notícia publicada no Facebook. Esse recorte faz parte de uma lista de 299 comentários selecionados pela própria plataforma Facebook na categoria *mais relevantes* que, por sua vez, faz parte de uma totalidade de 466 comentários.























Deste modo, foram identificados 29 comentários discursivos, 19 metadiscursivos, 0 troll, e ainda, 2 comentários que não conseguimos classificar devido ao seu discurso vago (tabela 1).

Tabela 1: Tipologia dos comentários.

Discursivos	
	<p>Os poderosos das forças armadas são fracos são derrotados pois não tem arma contra a pandemia, mortalidade 3900 mortes em 24 horas, eles não tem munições que são vacinas, medidas preventivas-lockodon e salário emergencial digno ao povo brasileiro.</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem  6</p> <p>↳ 6 respostas</p>
	<p>Em 1986, quando escreveu um artigo para a revista VEJA no qual criticava salários de oficiais militares. Esse senhor se tornou conhecido a ponto de virar vereador. Por causa disso, foi preso por quinze dias, e convidado a sair do exercito. Hoje ele não precisa e chama o grupo Globo de Globalixo. Dá pra confiar?</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem  1</p> <p>↳ 2 respostas</p>
	<p>A mesma imprensa que ajudou a derrubar o governo do PT, agora não presta pq fala o que esse governo não quer ouvir. Se não tem capacidade de lidar com opniões contrárias, imagina ter competência pra gerir uma nação!!!! Ação típica de ditador: dominar ou acabar com a imprensa. Com toda essa campanha contra meios de comunicação que não reproduza o que o governo quer, surgiu a "nova imprensa". Só ver os canais de "Jornalistas" que são criados todos os dias na internet. Espalham fake como sendo a verdadeira notícia e reclamam da imprensa. Aliás, as chamadas desses "canais sérios" sempre são: A casa caiu!!</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem  5</p>
	<p>Pois é,ajudaram a eleger um ex deputado do baixo clero que nunca trabalhou para melhorar a vida do povo por uma ideologia,agora está aí o embrolio,homem desqualificado que engana pobres de direita e crentes fanáticos,a imprensa do Brasil está colhendo o que plantou,pariu um desqualificado e agora não consegue se livrar do incompetente inepto.</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem    27</p> <p>↳ 19 respostas</p>
	<p>Bem feito a mídia "era só tirar o PT que melhorava"... Cuidado com que pedi!</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem  4</p> <p>↳ 1 resposta</p>
	<p>Pois tem jornalista que fazem perguntas indecente só pra se fazer de vítima essa é uma mídia podre e todos nós brasileiros sabemos disso</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem   11</p> <p>↳ 2 respostas</p>
	<p>Quando não tem competência a única alternativa é a violência</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem  2</p> <p>↳ 2 respostas</p>
	<p>Quando tem comentário com bandeirinha verde amarelo ou selinho do bozo louco no perfil ja caio fora não tem argumentos e falar com uma parede oca kkkk As agressões e as ofensas são de pessoas doentes e cegas.</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem · Editado  1</p>
	<p>Este sujeito agride o país. O dia dele vai chegar. Aqui se faz, aqui se paga.</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem    22</p> <p>↳ 14 respostas</p>

	<p> Não é a toa que foi expulso do exército. Curtir · Responder · 22 sem  5</p>
	<p> Os apoiadores de Bolsonaro é tipo uma mãe que tem um filho que pinta o sete e o setenta,mas está sempre apontando o dedo para o filho do vizinho que pinta 1.Como se os erros dos outros,anulassem os dele. Passa a mão na cabeça, por todos os erros do filho,sem perceber que tá é dando corda para que o mesmo se enforque. Curtir · Responder · 22 sem   10 ↳ 3 respostas</p>
	<p> Só assim para alguma coisa crescer sob o comando desse traste!!! Curtir · Responder · 22 sem</p>
	<p> se ele se preocupa tanto com a empresa e porque tem medo porque faz tudo errado e a empresa dis tudo Curtir · Responder · 22 sem  2 ↳ 2 respostas</p>
	<p> A imprensa é o calo de políticos corruptos que gostam de rachadinha    Curtir · Responder · 22 sem  3</p>
	<p> Tamos na mão de um louco não entende de nada não queriam mudança aí tá mandou demenuir as vacinas guaze a metade para o mês de abril e ai Curtir · Responder · 22 sem</p>
	<p> Foi pouco o cara é atacado 24hs por dia Curtir · Responder · 22 sem  4 ↳ 5 respostas</p>
	<p> Será q esses estagiários do jornalismo nunca leram sobre a lei da física: Pra cada Ação existe uma Reação. Curtir · Responder · 22 sem  1</p>
	<p> Quanto mais baterem no presidente mais ele vai crescer, #BolsonaroTemRazãoSempre Curtir · Responder · 22 sem   6 ↳ 2 respostas</p>
	<p> COITADO DESTA PRESIDENTE , NÃO VAI DEMORAR MUITO VÃO ACUSA LO DE TER CRUCIFICADO CRISTO Curtir · Responder · 22 sem    5 ↳ 4 respostas</p>
	<p> Mais são lixo mesmo, estão sentindo falta da roubalheira Curtir · Responder · 22 sem  1</p>

	<p>já tá na hora dos generais internar o capitão,é muito grave a doença dele. Curtir · Responder · 22 sem 16 ↳ 4 respostas</p>
	<p>A perseguição a esse homem e grande, MAS , DEUS É MAIOR! Curtir · Responder · 22 sem 4</p>
	<p>agradeçam aqueles que plantaram antipetismo... quem era tão ríspido com a Dilma agora colhe desaforos e agressões... Miriam Leitão que o diga! Curtir · Responder · 22 sem 1</p>
	<p>A melhor defesa é o ataque... E a única coisa que esse ser faz para defender o indefensável. Curtir · Responder · 22 sem 3</p>
	<p>Esse daí ta fora da casinha faz tempo!! Curtir · Responder · 22 sem 1</p>
	<p>ele sente prazer em ser chamado de ditador Curtir · Responder · 22 sem</p>
	<p>Desse aí pode esperar de tudo meliciano laranja etc Curtir · Responder · 22 sem 1</p>
	<p>O PT pirateou a profissão de jornalista, dispensando o curso superior, Hoje a perseguição é contra os pilantras que dão notícias distorcidas. Parabéns aos taxistas sérios que continuam na luta pela sobrevivência mesmo depois de toda violência e sofrida. Curtir · Responder · 21 sem · Editado</p>
	<p>Kkkkkk perguntas tendenciosas . Merecem respostas a altura. Isto não é agressão, é responder a um idiota. Curtir · Responder · 21 sem 1</p>
<p>Total:</p>	<p>29 comentários discursivos</p>
<p>Metadiscursivos</p>	<p>Nada justifica a violência. Mas, a extrema mídia nunca atacou tanto à democracia na escolha do presidente da república, q foi eleito popularmente pela esmagadora maioria dos brasileiros com enxurradas de desinformações, Factóides e até Fakes. Na há mais credibilidade à grande imprensa do Brasil. Isso fica nítido, até q os meios de comunicação voltem a cumprir com o louvável papel de trazer notícias imparciais. Basta vê o conteúdo dessa notícia pretenciosa em agredir desrespeitosamente a imagem do principal cargo do Brasil. Curtir · Responder · 22 sem 1</p>

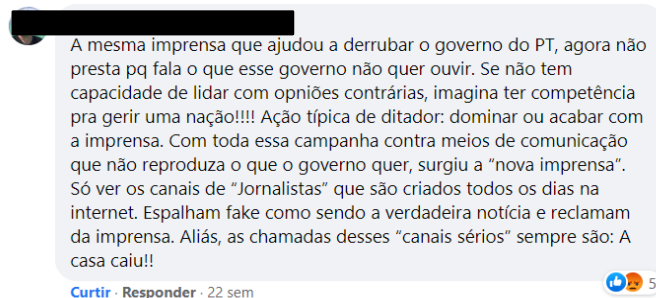
	<p>Essa imprensa de esgoto, é igual menino manhoso, provoca briga com mentiras, tentam provocar discórdias, mas não aguenta pancada. Daí vai chorar, pra ver se o povo cai nas lágrimas de crocodilo. Isto está tão evidente, que é difícil não perceber o plano para desestabilizar o governo. E isto só aumenta a certeza de que Bolsonaro é o melhor para o Brasil.</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem    25</p> <p>↳ 23 respostas</p>
	<p>Esses da UOL por exemplo !!!! Só mentem !!! Bando de vira latas !!!</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem   7</p> <p>↳ 2 respostas</p>
	<p>O que dá ódio da esquerda não é a defesa das ideologias que nunca funcionaram, mas sim a distorção da verdade e as mentiras repetidas de forma contumaz!</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem   9</p>
	<p>Mas nao colcaram que os jornalistas tambem mudarao em vez de trazer noticia mentem fazem entrigas.e.ate investigadores sao agora.</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem  5</p>
	<p>Quando apoiadores do PT agrediram um funcionário da Globo,a emissora não se manifestou incrível isso pesquisa que você vai encontrar a matéria.</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem  3</p>
	<p>Esses jornais e revistas estão desesperados só fala no presidente procura outra matéria pra ver se esquece o desespero kkkkkkkk</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem  4</p>
	<p>Mas vcs amam mesmo o presidente Bolsonaro, a vida de vcs está em torno de tudo o que ele faz.</p> <p>     </p> <p>Curtir · Responder · 22 sem   6</p> <p>↳ 3 respostas</p>
	<p>Vcs falam o que quer e depois ouve o que não quer. E fala que é agressão. Mimizentos...</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem  4</p> <p>↳ 3 respostas</p>
	<p>E quantas contra ele? Porque é todo dia a imprensa batendo</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem  2</p>
	<p>Isso não é jornalismo ... é militância.</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem  3</p> <p>↳ 1 resposta</p>
	<p>Vocês agridem ele 24 horas por dia...</p> <p>Curtir · Responder · 22 sem  4</p>

	<p>██████████ A imprensa mentirosa não merece ser atacada, merece é SER BANIDA DO NOSSO PAÍS!!! Curtir · Responder · 21 sem</p>
	<p>██████████ Se vocês não o agredissem com mentiras tudo seria evitado. A maioria das agressões verbais parte do jornalismo mentiroso devido ao não recebimento de dinheiro 🙄 público. Quem está mentindo? Os jornais ou o Presidente??? Sejam mais francos e verdadeiro!... Curtir · Responder · 21 sem</p>
	<p>██████████ A começar pela UOL que é um jorenaleco do mal Curtir · Responder · 22 sem  2</p>
	<p>██████████ É só falar a verdade que ninguém agride eles longe de mim apoiar as agressões sou totalmente contra violência não se paga com violência Curtir · Responder · 21 sem</p>
	<p>██████████ Jornalista não é pago pra dar opinião e sim a notícia. Curtir · Responder · 21 sem  1</p>
	<p>██████████ E só parar de mentir  1 Curtir · Responder · 22 sem</p>
	<p>██████████ Jornalista não, pois os verdadeiros jornalista dão a notícia com verdade, sem destorcer nada. Curtir · Responder · 21 sem</p>
	<p>██████████ Kkkkkk perguntas tendenciosas . Merecem respostas a altura. Isto não é agressão, é responder a um idiota. Curtir · Responder · 21 sem  1</p>
Total:	19 comentários metadiscursivos
Não identificado	<p>██████████ "Vai catá coquinho na lua" infeliz. Curtir · Responder · 22 sem  1</p>
	<p>██████████ O relatoria faz algum tipo de menção sobre os jornalistas presos ou seus materiais de trabalho confiscados ou decisões que isolam os cidadãos das redes sociais por motivos altamente questionáveis???</p>  <p>Curtir · Responder · 22 sem</p>
Total:	2 comentários não identificados

Fonte: Elaborada pelos autores.

Para a classificação dos comentários discursivos, consideramos aqueles cujo discurso se refere ao tema da notícia: as agressões a jornalistas. É indiferente se o comentarista critica ou apoia as agressões, desde que ele esteja empenhado em discutir sobre elas, e não sobre o fazer jornalístico.

Figura 13 - Comentário discursivo I



Fonte: Facebook do UOL.

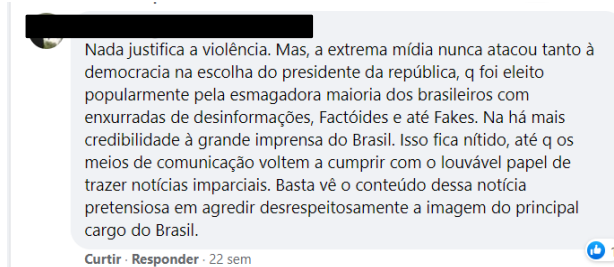
Esse é o caso do comentário da Figura 13, no qual o comentarista concorda com a acusação de que o presidente da república é responsável por puxar as agressões a jornalistas. Sua linha de argumentação vai no sentido de que os jornalistas dizem coisas que podem ser consideradas inconvenientes para alguns políticos, e esse seria o motivo pelo qual sofrem ataques. Ele desqualifica Bolsonaro ao dizer que “Se [Bolsonaro] não tem capacidade de lidar com opiniões contrárias, imagina ter competência pra gerir uma nação!!!!” (sic). Em seguida, sugere que as atitudes dele são “típicas de ditador”, pois busca dominar ou acabar com a imprensa.

Na sequência, o comentarista amplia ainda mais o discurso ao afirmar que existe uma campanha contra os meios de comunicação que não reproduzem o que o governo quer, e que por isso surgiu a “nova imprensa”, formada por “jornalistas” que espalham “fake news” e reclamam da imprensa tradicional. O comentarista finaliza dizendo que as chamadas dos ditos “canais sérios” da nova imprensa são sempre “A casa caiu!!” (sic). As aspas em “canais sérios” aparecem com o sentido de ironia, dando a entender justamente o contrário: “canais não sérios”.

Nesse sentido, o comentarista concorda com o discurso da notícia e amplia o discurso com novos argumentos que buscam a defesa da tese de que Bolsonaro é culpado pelo aumento nas agressões. Mais do que isso, o comentarista acaba por afirmar que existe uma estratégia por trás dessas agressões a jornalistas e que elas são muito bem orquestradas e que possuem objetivos claros.

Para a classificação dos comentários metadiscursivos, por sua vez, consideramos aqueles que tratam das práticas jornalistas ao invés de tratar do tema da notícia. Embora alguns desses comentários tenham aparentemente a intenção de justificar as agressões a jornalistas (tema da notícia), o que predomina é o metadiscorso, já que os argumentos que buscam regular a prática jornalista predominam nesses comentários. É o caso do comentário da Figura 14, onde o comentarista inicia dizendo que nada justifica a violência e depois acrescenta um “Mas”, dando a entender que seus argumentos serão usados para justificar as agressões. Entretanto, toda a argumentação é voltada para criticar as práticas jornalísticas.

Figura 14 - Comentário metadiscursivo I



Fonte: Facebook do UOL.

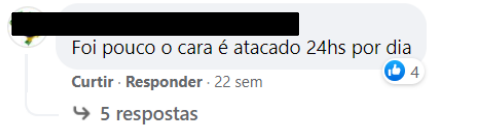
O eixo central da argumentação nesse comentário é de que a mídia/imprensa ataca a democracia ao criticar o presidente eleito pelo povo, e que essas críticas não passam de mentiras e desinformações. O comentarista se utiliza de termos como “Factóides” e “Fakes” para se referir ao discurso propagado pelos jornalistas. Acusa-os de serem imparciais e sem credibilidade. A última frase desse comentário se refere diretamente ao texto primeiro: “Basta vê o conteúdo dessa notícia pretensiosa em agredir desrespeitosamente a imagem do principal cargo do Brasil” (sic). Com isso, o comentarista deixa claro que a intenção da notícia não é informar, mas atacar o presidente da república.

Neste ponto do trabalho, precisamos tecer algumas considerações sobre as dificuldades encontradas e sobre os critérios utilizados para que a nossa classificação pudesse dar conta daquilo que foi proposto por Paveau.

Ao iniciarmos a análise, depara-nos com comentários que ocupavam uma linha muito tênue entre o discursivo e o metadiscursivo. Percebemos que isso acontece porque o jornalista é quem escreve e sua figura é, ao mesmo tempo, o tema da notícia.

Assim, constatamos que, toda a vez que alguém argumentava a favor das agressões e contra os jornalistas, utilizava como justificativa o conteúdo produzido pelos jornalistas, de forma geral. A justificativa sempre era algo como “quem começou com os ataques foram vocês”, “jornalistas só mentem”. Vejamos um exemplo na figura 15:

Figura 15 - Comentário discursivo II

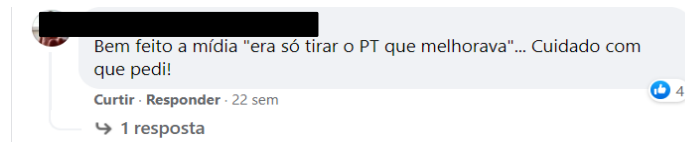


Fonte: Facebook do UOL.

Nesse exemplo, o internauta não condena nenhum trecho específico da notícia, tampouco faz críticas à linguagem empregada por Gêssica Brandino. Porém, ao defender que os ataques sofridos pelos jornalistas foram poucos, já que o “cara” (subentende-se Bolsonaro) é atacado 24 horas por dia, o internauta deixa transparecer a sua indignação para com o discurso produzido pela/os imprensa/jornalistas, pois é através de suas notícias/discurso que eles estariam atacando o presidente. Quando ele diz que Bolsonaro é atacado primeiro, fica subentendido que esses “ataques”, na verdade, são propagados por jornalistas que o fazem através de seus textos. Assim sendo, quando argumenta em prol do presidente, invertendo a lógica de quem seria o agressor e de quem seria a vítima, ele está se valendo de um comentário discursivo que flerta, em certa medida, com o metadiscursivo, pois o que ele, internauta, considera como “ataques” ao presidente, são justamente as notícias que os jornalistas divulgam.

Podemos observar algo similar em outros comentários, como no caso da figura 16. Ao dizer “bem feito para a mídia”, o internauta comentarista mostra-se favorável às agressões cometidas contra os jornalistas. A justificativa que ele dá para o seu posicionamento vem logo em seguida: “era só tirar o PT que melhorava”. A assertiva aparece entre aspas, indicando que este seria um discurso que fora propagado pela imprensa. Por fim, ele ainda aconselha os jornalistas: “cuidado com o que pedi! (sic)”. Deste modo, chegamos à conclusão de que este também é um comentário discursivo que se aproxima do metadiscursivo, uma vez que o internauta acusa a mídia/imprensa de propagar o antipetismo em seus discursos, deixando claro que eles devem ter cuidado ao propagar esse tipo de discurso.

Figura 16 - Comentário metadiscursivo II



Fonte: Facebook do UOL.

Além desses exemplos que trouxemos, houve outros comentários que pareciam orbitar os limites entre o discursivo e o metadiscursivo. Nosso olhar foi o mesmo para todos eles, seguindo a metodologia aqui descrita, o que permitiu contabilizar uma quantidade maior de comentários do primeiro tipo.

Isto posto, na próxima seção buscaremos identificar uma possível representação da figura do jornalista nos comentários. Além disso, buscaremos analisar se existem ocorrências de ciberviolência nesses comentários.

4.3 A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA DO JORNALISTA E A CIBERVIOLÊNCIA NOS COMENTÁRIOS ON-LINE

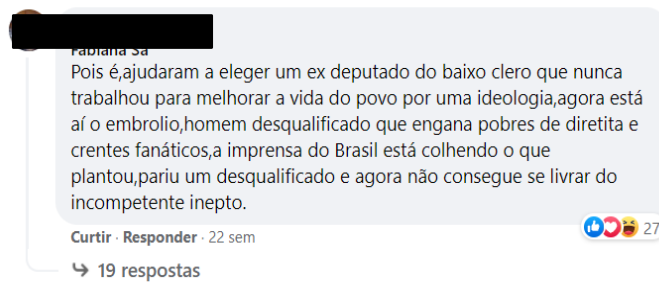
Na tentativa de identificar possíveis representações da figura do jornalista, analisamos seis comentários que falam sobre esse profissional, sendo três discursivos, e três metadiscursivos. Como critério de seleção, observamos e escolhemos os comentários que receberam maior número de reações de outros internautas.

O primeiro comentário a que nos dedicamos, na figura 17, obteve um total de 27 reações, além de receber 19 comentários-respostas. Nesse comentário, o internauta comentarista concorda que houve ataques a jornalistas, mas deixa claro que pensa que eles/jornalistas, em certa medida, também são os culpados por serem atacados. A justificativa para isso é que eles teriam ajudado a eleger “um ex deputado de baixo clero que nunca trabalhou para melhorar a vida do povo por uma ideologia” (sic). Fica subentendido, pelo contexto, que o deputado ao qual ele se refere é o atual presidente da república, responsável por “puxar”, conforme a própria notícia, as agressões a jornalistas.

O comentarista segue com argumentos axiológicos para descrever Bolsonaro como alguém que estaria do lado do mal: “homem desqualificado que engana pobres de direita e crentes fanáticos”, e conclui dizendo que “a imprensa do Brasil está co-

lhendo o que plantou, pariu um desqualificado e agora não consegue se livrar do incompetente inepto”. O verbo “plantar” e “pariu” dão ênfase à ideia já expressa em “ajudaram a eleger” na primeira linha do texto do comentário. Dessa forma, o comentarista não deixa dúvidas de que pensa que a imprensa teria apoiado Bolsonaro em um momento anterior à publicação da notícia, e por isso estariam agora sofrendo as consequências.

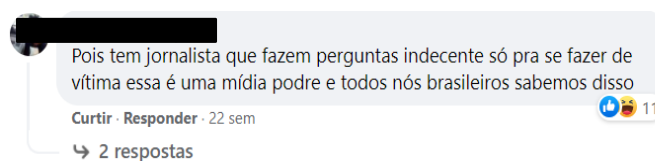
Figura 17 - Comentário discursivo sobre jornalistas I



Fonte: Facebook do UOL.

No comentário discursivo da figura 18, observamos um total de 11 reações e 2 comentários-respostas. Nesse comentário, a representação negativa da figura do jornalista se repete, porém, a argumentação apresentada diverge do comentário anterior, pois não há qualquer menção de que a imprensa algum dia esteve ao lado de Bolsonaro. Além disso, nesse comentário, ao contrário do primeiro, os jornalistas não dividem com o agressor a culpa pelos ataques sofridos; eles seriam, nesse caso, os únicos culpados, pois estariam provocando o presidente da república com perguntas indecentes para depois se fazerem de vítimas.

Figura 18 - Comentário discursivo sobre jornalistas II



Fonte: Facebook do UOL.

Observamos nesse comentário a presença da ciberviolência do tipo difamação, que acontece por meio da afirmativa “essa é uma mídia podre e todos nós brasileiros sabemos disso” (sic). De acordo com o dicionário Aurélio Digital, “podre” é um adjetivo de dois gêneros que significa “em decomposição, deteriorado, corrupto”. Deste modo,

o comentarista difama os jornalistas por meio do argumento *ad hominem*, apresentando-os como corruptos, de uma moral deteriorada, praticamente em decomposição.

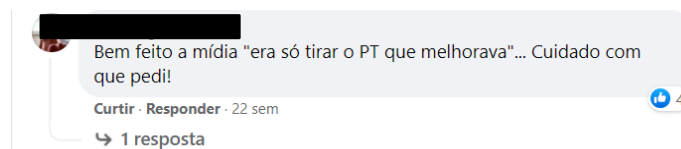
Nosso próximo comentário, na Figura 19, obteve 4 reações e um comentário-resposta. Embora pareça pouco em relação aos analisados anteriormente, este comentário foi o terceiro em número de reações entre os discursivos.

Percebemos, também, uma certa satisfação do comentarista em relação às agressões a jornalistas. Esse sentimento é expresso de maneira direta e objetiva pela expressão “bem feito a mídia”.

A argumentação que se segue, como justificativa para a satisfação anteriormente expressa pelo comentarista, mantém estreita relação com o comentário da Figura 17, no qual os jornalistas são acusados de terem ajudado a eleger Bolsonaro (candidato da direita). No comentário da Figura 19 o comentarista coloca os jornalistas como opositores do PT (esquerda). Ele faz isso por meio da expressão “era só tirar o PT que melhorava”. As aspas são usadas pelo comentarista para indicar que essa era uma fala dita pelos jornalistas.

Na sequência, o comentarista dá um conselho aos jornalistas, em um trecho que pode ser visto, em certa medida, como metadiscursivo, uma vez que ele aconselha os jornalistas a serem mais cuidadosos em seus discursos: “Cuidado com o que pedi!” (sic). A difamação de que os jornalistas teriam se aliado a um lado político para criticar o outro também pode ser observado no teor desse comentário.

Figura 19 - Comentário discursivo sobre jornalistas III

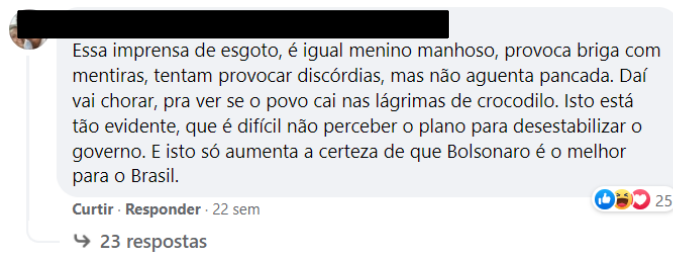


Fonte: Facebook do UOL.

O comentário da figura 20 é um metadiscursivo, e recebeu 25 reações, além de 23 comentários-respostas. Ele é metadiscursivo porque em nenhum momento o comentarista discute o tema da notícia. Pelo contrário, toda a sua argumentação é construída a fim de atacar a imprensa, termo recorrente para designar tanto os veículos de comunicação quanto a categoria profissional dos jornalistas.

Logo na primeira linha, observamos que o comentarista faz uso de uma série de insultos à imprensa. Ele utiliza o adjetivo “esgoto” e o predicativo “menino manhoso” para desqualificar os jornalistas. Acusa-os de contarem mentiras para provocarem discórdias, e que, no fim das contas, não aguentam pancadas. Subtende-se que as “pancadas” as quais ele se refere são as agressões a jornalistas, tema da notícia em questão.

Figura 20 - Comentário metadiscursivo sobre jornalistas I



Fonte: Facebook do UOL.

Em seguida, acusa os jornalistas de chorarem “lágrimas de crocodilo” para ver se conseguem enganar o povo. Chorar, nessa expressão, assume sentido metafórico para designar o que os jornalistas estariam fazendo ao publicar aquela notícia. A expressão lágrimas de crocodilo é usada em sentido conotativo, expressando falsidade no choro dos jornalistas. Para o internauta, portanto, a notícia não passa de uma vitimização da imprensa para tentar ludibriar o povo.

O comentarista não para por aí. Ele ainda afirma que todas as acusações citadas são evidentes, e que fica difícil não perceber que existe um plano dos jornalistas para desestabilizar o governo. Ele conclui que toda a hostilidade dos jornalistas para com o atual presidente da república só aumenta a certeza de que Bolsonaro é o melhor para o Brasil.

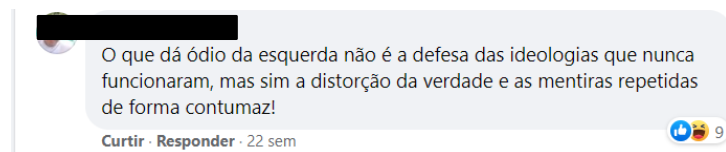
Além disso, podemos afirmar que o comentarista faz uso da ciberviolência do tipo difamação, ao colocar os jornalistas como integrantes de uma conspiração contra o atual governo. O uso da ciberviolência pode ser observado, ainda, no uso do adjetivo “esgoto”, termo bastante depreciativo, para se referir a imprensa.

Percebemos, ainda, que se trata de uma argumentação axiológica, que divide os sujeitos do discurso em dois polos: bem e mal. Assim, “a imprensa de esgoto” estaria do lado do mal que visa destruir a reputação do governo.

Na Figura 21, temos o segundo comentário metadiscursivo ao qual nos propomos a analisar. Trata-se de mais um discurso que atribui uma imagem negativa à figura do jornalista, e que obteve um total de 9 reações de outros internautas.

O comentarista abre o comentário declarando “ódio” à esquerda. O contexto nos permite inferir que ele se refere aos jornalistas. Ele justifica sua posição ao afirmar que o ódio é causado não pelas ideologias da esquerda que, segundo ele, “nunca funcionam”, mas “pela distorção da verdade” e pelas “mentiras repetidas de forma contumaz”.

Figura 21 - Comentário metadiscursivo sobre jornalistas II



Fonte: Facebook do UOL.

Embora o comentarista não utilize termos considerados violentos, ele difama os jornalistas ao acusá-los de contarem mentiras de forma contumaz. Essa prática, ainda que não apresente muita agressividade, é considerada por Paveau (2021) como sendo um tipo de ciberviolência.

Além disso, ao associar os jornalistas à esquerda, o comentarista se alinha aos discursos presentes nas figuras 18 e 20, ao passo que vai na contramão dos comentaristas das figuras 17 e 19 que atribuem aos jornalistas um viés de direita.

Nosso último exemplo de comentário metadiscursivo, na figura 22, é o mais sucinto, e um dos mais violentos. Ainda assim, obteve um total de 7 reações e 2 comentários-respostas.

Figura 22 - Comentário metadiscursivo sobre jornalistas III



Fonte: Facebook do UOL.

Trata-se de um argumento *ad hominem*, endereçado à plataforma UOL. Ele se utiliza do recurso da difamação ao acusá-los de contarem mentiras. A afirmação é intensificada pela palavra “só” na expressão “Só mentem!!!”, o que leva a entender

que mentir não é um comportamento isolado, mas uma prática recorrente entre os jornalistas.

Em seguida, o comentarista se utiliza da assertiva “Bando de vira latas!!!” (sic) com o intuito de ofender os jornalistas do UOL. É interessante notar que o comentarista faz uso, em diversas vezes, de três pontos de interrogação seguidos, o que visa simular, na escrita, aquilo que seria o aumento da entonação na linguagem oral.

Isto posto, constatamos que os comentários aqui analisados apresentam a figura do jornalista de forma negativa. As formas de depreciação do jornalista vão da simples difamação, por meio da acusação de que eles são mentirosos, ao emprego de insultos como “imprensa de esgoto” ou, ainda, “Bando de vira latas!!!” (sic).

A acusação mais frequente feita aos jornalistas foi a de que eles estariam escrevendo mentiras com base em viés político. O mais curioso é que essas acusações apontaram para lados distintos: alguns acusaram os jornalistas de serem de esquerda, enquanto outros os acusaram de apoiarem a direita.

Embora este estudo não aborde um número elevado de comentários, é preciso ressaltar que os seis comentários aqui analisados, de forma qualitativa, foram os que mais receberam interações de outros usuários. Nesse sentido, acreditamos que este estudo tenha contribuído para a compreensão sobre o modo como parte da sociedade pensa e expressa suas opiniões em redes sociais como o Facebook, por meio do discurso digital, sobre o discurso da imprensa, bem como sobre a figura do jornalista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos esta pesquisa, tínhamos em mente que a profissão de jornalista, por desempenhar um papel fundamental em uma sociedade democrática, está constantemente sujeita a críticas. Em um ambiente digital conectado, essas críticas tendem a ser ainda mais constantes. Embora isso seja bom do ponto de vista democrático, pois permite aos leitores-comentaristas questionarem o discurso jornalístico, não dá para ignorar que também aumenta a probabilidade de ocorrência de ciberviolência contra esse profissional.

Frente a esse problema, nosso objetivo geral era identificar possíveis representações discursivas da figura do jornalista nos comentários on-line, a partir do post de uma notícia sobre o aumento das agressões a jornalistas. Nesse sentido, as análises nos proporcionaram resultados que podem ser resumidos em duas representações distintas: de um lado, a ideia de que os jornalistas são de esquerda e conspiram para destruir a reputação do atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro; de outro, observamos uma representação também negativa, na qual os jornalistas teriam conspirado para tirar a esquerda do poder e hoje estariam pagando o preço desse erro, já que o presidente da direita faz questão de demonstrar quase que diariamente o seu desprezo pela imprensa.

Como um dos objetivos específicos, apontamos a intenção de classificar os comentários on-line de acordo com a tipologia da ADD proposta por Paveau (2021). A tarefa se demonstrou mais complexa do que esperávamos, pois o fato de a figura do jornalista estar no centro do discurso da notícia acabou tornando a linha entre comentários discursivos e metadiscursivos muito tênue. Depois de várias reanálises, concluímos a classificação, pontuando que muitos dos comentários discursivos fletam com a metadiscursividade e vice-versa quando o jornalista é parte do discurso do texto primeiro.

Queríamos, além disso, identificar se havia inscrições de ciberviolência nas representações da figura do jornalista e como ela ocorria. Este estudo acabou mostrando que as representações analisadas tratavam dos jornalistas de modo pejorativo, fazendo uso, por vezes, de argumentos *ad hominem* e, em alguns casos, de ciberviolência do tipo difamação.

Ao iniciarmos as análises, coletamos *prints* de todos os materiais aos quais nos

disponamos a analisar. Essa estratégia foi necessária até mesmo por conta da instabilidade dos discursos on-line, já que o número de reações e a inserção de novos comentários por parte dos internautas poderia alterar a ordem dos comentários a qualquer momento. Entretanto, para que pudéssemos observar as características digitais como os hiperlinks da notícia publicada pela Folha de S. Paulo, trabalhamos também com a página aberta no computador.

Logo notamos que o trabalho possuía algumas limitações. Talvez a mais latente diga respeito à vasta tipologia da ciberviolência, proposta por Paveau (2021). Muitas delas, como necessitam de outros métodos e ferramentas para serem identificadas, não puderam ser analisadas nesse estudo. É o caso da farsa, por exemplo, pela qual um internauta se esconde sob uma identidade falsa para atacar outros indivíduos.

Outra limitação diz respeito ao comentário do tipo troll, que, para Paveau (2021, p.109) “tem o objetivo de semear a confusão na conversa ou até de destruí-la com intervenções violentas e inoportunas”. Além disso, uma outra característica necessária para que o troll obtenha sucesso é que o interlocutor não deve ser capaz de identificá-lo. Por essa razão, o internauta comentarista busca convencer de que está falando sério, o que torna a identificação do troll bastante subjetiva.

Na tentativa de identificar esse tipo de comentário em nosso estudo, buscamos ler os comentários-respostas (ainda que eles não fossem parte do nosso corpus), a fim de observar se algum internauta havia identificado os comentários primeiros como sendo trolls. Não identificamos, entretanto, nenhuma denúncia a esse respeito. Além disso, é possível que o próprio Facebook restrinja os trolls mais violentos, a partir dos mecanismos de moderação já citados nesse estudo, o que certamente dificultaria o trabalho de identificação de comentários desse tipo.

Diante disso tudo, uma possibilidade para futuros trabalhos seria a análise dos comentários-respostas daqueles comentários em que identificamos uma representação negativa da figura do jornalista. Assim poder-se-ia identificar se existem outras representações que destoam das que observamos nesse estudo.

Tal análise possibilitaria, também, estudar as respostas que os próprios internautas dão à ciberviolência. Ao fazer isso, eles estariam, conforme os postulados de Paveau (2021), redefinindo o que faz e o que não faz parte de uma decência discursiva on-line.

Isto posto, esperamos que a construção do conhecimento em torno da figura do jornalista, bem como acerca do discurso digital, ultrapasse os limites desse estudo.

Desse modo, estar-se-á contribuindo para a compreensão da linguagem em uma sociedade tecnológica, cada vez mais dinâmica e conectada.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Luís. 2020 vira ano mais violento a jornalistas com Bolsonaro liderando agressões. Facebook do UOL. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/5171675129513928>. Acesso em: 31 mar 2021.

As 10 Profissões menos valorizadas no Brasil e no mundo em 2018. Guia Instituto Usuário Online. 2018. Disponível em: <https://guiaituonline.com.br/profissoes-menos-valorizadas/>. Acesso em: 20 abr 2021.

AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo, SP. Editora Contexto. 2017.

BRANDINO, Jéssica. Puxadas por Bolsonaro e apoiadores, Agressões a jornalistas cresce 168% em 2020. Folha de São Paulo via Facebook do UOL. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/UOLNoticias/posts/5405247436156695>. Acesso em: 31 mar 2021.

CATUCCI, Anaísa; BORGES, Caroline. Governadora de SC apaga postagem que considerava agressões a jornalistas da NSC TV 'inadmissíveis'. G1. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/4581699691882080>. Acesso em: 31 mar 2021.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo, SP. Editora Contexto. 2015.

"Foi agredida a democracia", diz Toffoli sobre agressões a jornalistas. O Antagonista. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/oantagonista/posts/1624688231055412>. Acesso em: 31 mar 2021.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e público exigir*. São Paulo, SP: Geração. 2004.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas, SP: Pontes Editores b. 2021.

____ Ce, qui s'écrit dans les univers numériques>>, Itinéraires [online], 2015. Disponível em: itinéraires.revues.org/2313. (tradução de fragmento do artigo).

Promotor diz que jornalista brasileiro executado no Paraguai sabia que iriam mata-lo: 'Se despediu da esposa'. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2020/02/13/promotor-diz-que-jornalista-brasileiro-executado-no-paraguai-sabia-que-iriam-mata-lo-se-despediu-da-esposa.ghtml>. Acesso em: 20 set 2021.

Violência contra jornalistas cresce 105,77% em 2020, com Jair Bolsonaro liderando ataques. FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas. 2021. Disponível em: <https://fenaj.org.br/violencia-contra-jornalistas-cresce-10577-em-2020-com-jair-bolsonaro-liderando-ataques/>. Acesso em: 20 abr 2021.

VIVAS, Fernanda; FALCÃO, Márcio. 'Não há solução para as crises fora da legalidade constitucional', diz Toffoli ao abrir sessão do STF. G1. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/3933642480021141>. Acesso em: 31 mar 2021.

TECHTUDO. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2016/02/grr-uau-haha-entenda-significados-dos-botoes-do-facebook-reactions.ghtml>. Acesso em 15 out. 2021.

ANEXO: PRINT DA NOTÍCIA COMPLETA

Puxadas por Bolsonaro e apoiadores, agressões a jornalistas crescem 168% em 2020, aponta relatório

Foram 150 casos registrados, envolvendo ao menos 189 profissionais e veículos de comunicação, além de um assassinato



Géssica Brandino

MOGI DAS CRUZES (SP) Ao longo de 2020, num contexto de pandemia de Covid 19, casos de agressões físicas, ofensas e intimidações a jornalistas aumentaram 168% em comparação a 2019. Foram 150 casos registrados, envolvendo pelo menos 189 profissionais e veículos de comunicação, além do assassinato de um profissional.

As ofensas foram a forma de violência mais frequente, com 59 casos contra 68 jornalistas, um aumento de 637% em comparação a 2019.

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) e seus apoiadores foram autores de mais da metade dessas ofensas, que tiveram profissionais de jornais e TV como principais alvos.

Os dados fazem parte do relatório "Violações à Liberdade de Expressão", divulgado anualmente pela Abert (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão). A instituição destaca que os dados são um indicativo do quadro, visto que os casos são subnotificados.

Dentre os episódios elencados pelo documento estão as insinuações de cunho sexual feitas pelo presidente contra a repórter Patrícia Campos Mello, da **Folha**. Por causa disso, em decisão recente, Bolsonaro foi condenado a indenizar a jornalista em R\$ 20 mil por danos morais.

O presidente também aparece no documento como autor de intimidações —várias contra a **Folha** e seus profissionais— e de uma ameaça contra um repórter do jornal O Globo que o questionou sobre cheques de Fabricio Queiroz enviados à primeira-dama Michelle Bolsonaro, no total de R\$ 89 mil.

Na ocasião, o presidente afirmou: "Minha vontade é eu encher a tua boca de porrada, tá? Seu safado."

A segunda forma de violência mais comum foram as agressões físicas, com 39 casos contra ao menos 59 vítimas, o que representa alta de 67% em relação ao ano anterior.

Pessoas comuns e agentes de segurança aparecem como principais autores. O perfil das vítimas indica que esse tipo de violência foi mais comum entre profissionais homens, que atuam em veículos de TV e sites.

Pela primeira vez, o levantamento registrou um caso de sequestro, contra o jornalista Romano dos Anjos, apresentador da TV Imperial, afiliada da TV Record, em Boa Vista (RR), onde acompanha casos de política e crimes.

O assassinato registrado no documento é o do jornalista Léo Veras, morto por pistoleiros em Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia na fronteira com Ponta Porã (MS).

Dono de um site de notícias policiais, Veras já havia sofrido ameaças por conta das denúncias que publicava. Dentre os dez suspeitos pelo crime, três são brasileiros.

O relatório traz ainda dados de um estudo encomendado à empresa de análise de dados Bites que mostra que, ao longo de 2020, a imprensa sofreu oito 7.945 ataques virtuais por dia, o equivalente a quase seis agressões por minuto.

No acumulado do ano, foram mais de 2,9 milhões de posts com termos pejorativos publicados nas redes sociais, o que representa uma queda de 9% em relação a 2019.

Segundo relatório da ONG Repórteres sem Fronteiras, o Brasil figura na posição 107 no ranking de liberdade de imprensa, feito com 180 países. Essa é a pior posição do país desde 2002, quando o estudo começou a ser feito.